



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

AMANDA FHILLADÉLFIA BEZERRA SILVA DE MENEZES

**A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DA
CIDADE DO NATAL/RN**

**NATAL/RN
2019**

AMANDA FHILLADÉLFIA BEZERRA SILVA DE MENEZES

**A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DA
CIDADE DO NATAL/RN**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Leandro de Paiva

NATAL/RN
2019

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Menezes, Amanda Fhilladélfia Bezerra Silva de.

A transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental em uma escola da rede pública municipal da cidade do Natal/RN / Amanda Fhilladélfia Bezerra Silva de Menezes. - Natal, 2019.

67 f.: il.

Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Graduação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Leandro de Paiva.

1. Crianças - Monografia. 2. Educação Infantil - Monografia. 3. Ensino Fundamental - Monografia. 4. Processo de transição - Monografia. I. Paiva, Maria Cristina Leandro de. II. Título.

RN/UF/BS - Centro de Educação

CDU 373.29

AMANDA FHILLADÉLFIA BEZERRA SILVA DE MENEZES

**A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DA
CIDADE DO NATAL/RN**

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia, da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, como requisito parcial para
obtenção do título de Pedagoga.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. DR^a. Maria Cristina Leandro de Paiva
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^ª. Dr^a Jacylene Melo de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^ª Ms. Joselidia de Oliveira Marinho
Secretaria Municipal de Educação do Natal/RN

À todas(os) professoras(es) do curso de pedagogia, que contribuíram para minha formação docente. E a todas às crianças que tive o prazer e privilégio de conhecer durante a minha jornada acadêmica, em especial às crianças que participaram desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me conduzido com graça e sabedoria por essa jornada, sendo sempre o meu refúgio e esperança nos momentos de dificuldade. A Ele a minha gratidão pelo dom da vida.

A minha família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e reconhecendo os meus esforços para conclusão da graduação.

Agradeço, especialmente, a minha mãe Andréa Confessor e minha irmã Fiamma Menezes, que sempre foram meu incentivo e força para que eu continuasse a caminhada e finalizasse com êxito esse processo.

A Samuel Souza, meu sobrinho querido, que compreendeu minhas ausências nas brincadeiras, principalmente na etapa final do curso. Sempre me incentivando a ver o mundo com mais luz, criatividade e questionamentos.

A Davi Ribeiro, meu namorado, que tem sido meu companheiro de todas as horas e esteve ao meu lado desde o início dessa jornada e permanecendo comigo até o fim. Sendo amoroso e compreensivo nos momentos que precisei ausentar-me e dedicar-me a minha formação.

A minha orientadora Dr^a Prof^a Maria Cristina que orientou-me e conduziu-me pelo melhor caminho na construção dessa pesquisa.

Minha gratidão a Vanessa Martins Benigno de Aquino, minha amiga e companheira da graduação, que sempre esteve ao meu lado nos momentos difíceis, me ajudando e aconselhando, tornando os dias pesados e cansativos mais leves e suportáveis. Obrigada, por me presentear com sua amizade.

Agradeço imensamente a todas minhas colegas de curso que no cotidiano foram fonte de inspiração e força para continuar a caminhada acadêmica, que estiveram comigo nos momentos mais complicados do curso, sempre me ajudando e compartilhando as mesmas experiências.

É com muita gratidão e orgulho do caminho que resolvi trilhar que escrevo essa monografia como trabalho de conclusão do curso.

RESUMO

O presente trabalho trouxe reflexões sobre o processo de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública municipal na cidade do Natal/RN. A pesquisa buscou compreender como ocorreu esse processo de passagem a partir da perspectiva das crianças que ingressaram no 1º ano e da professora titular da turma. Para alcançar tal objetivo a pesquisa de campo foi realizada nos dois primeiros meses letivos de 2019. Utilizou-se um instrumento de observação para o acompanhamento da turma do 1º ano, assim como a realização de uma entrevista individual semiestruturada com 6 (seis) crianças e uma entrevista coletiva, que possibilitou a fala das crianças sobre a chegada ao 1º ano, bem como ouvi-las sobre suas expectativas, dificuldades e os sentimentos em comum em relação a entrada no Ensino Fundamental. Também foi aplicado um questionário com a professora da turma com a finalidade de conhecer sua visão sobre esse processo, assim como a metodologia e planejamento adotados para o recebimento das crianças nessa etapa da educação básica. Para tal discussão foram trazidos os documentos legais que regem e orientam a educação brasileira, como por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394.96, (BRASIL, 1996), o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) 1998, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) 2009, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2018, o documento Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade, publicado pelo Ministério da Educação em 2006 e por fim o documento que traz os Referenciais Curriculares Municipais para a Educação Infantil (RCMEI) de Natal/RN, 2018. Além dos documentos oficiais, a discussão ainda trouxe às falas de autoras como Motta (2013), Ribeiro (2014), Martinati (2012), Neves (2010), Faria (2012) e Pulino e Queiroz (2018) que abordam a temática em questão a partir de estudos e pesquisas realizadas com crianças e demais sujeitos envolvidos nesse processo de passagem. O estudo possibilitou perceber como as crianças enxergam e passam por esse processo de transição, bem como, as estratégias adotadas pela professora para esse momento. O trabalho destaca as rupturas e mudanças vivenciadas nesse transcurso da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, enfatizando o papel que a escola exerce nesse processo, bem como a responsabilidade de tornar esse momento uma continuidade da primeira para a segunda etapa da educação básica, enxergando as crianças como sujeitos de direitos, protagonistas da própria aprendizagem, com o intuito de promover um processo de transição menos impactante possível.

Palavras-chave: Crianças; Educação Infantil; Ensino Fundamental; Processo de Transição.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	O PERCURSO METODOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	12
3	O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE OS DOCUMENTOS OFICIAIS ORIENTAM E O QUE A LITERATURA TEM DISCUTIDO A RESPEITO	18
4	DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL: O PROCESSO DE TRANSIÇÃO VIVIDO EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NA CIDADE DO NATAL/RN	27
4.1	O momento de passagem na perspectiva das crianças	28
4.2	A percepção da professora sobre esse processo	45
4.3	O que foi observado na pesquisa de campo	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICES	64

1 INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado ao longo desta monografia abordará o processo de transição das crianças da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental. A construção do estudo apresentará o que trata os documentos legais que orientam a educação básica brasileira sobre esse momento de passagem, tratará o que a literatura tem discutido sobre a temática e também trará as experiências vivenciadas no campo de pesquisa, relacionando os elementos teóricos e o que foi percebido na prática.

O levantamento dos estudos feitos sobre essa temática, mostra que o assunto ainda é pouco discutido em pesquisas. No entanto, esse processo de passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental já vem sendo tratado nos documentos legais que embasam a educação brasileira, como por exemplo, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010), e o documento com o título “Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade” (2006), ambos instituídos pelo Ministério da Educação (MEC), que apresentam essa passagem como um marco significativo e de rupturas que precisam de atenção especial, de forma a priorizar o desenvolvimento da criança, assim como, enfatiza a importância de estabelecer elos entre a educação infantil e o ensino fundamental.

Outro documento que trata desse processo de passagem é a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), que indica a necessidade do equilíbrio nessas mudanças, com o intuito de garantir a continuidade dos processos de aprendizagem das crianças, destacando também a importância e a necessidade do estabelecimento de estratégias no acolhimento e adaptação tanto das crianças como das(os) docentes, com o propósito de evitar a descontinuidade e fragmentação do trabalho pedagógico. Ainda é preciso salientar que pensar esse processo significa, acima de tudo, a valorização da infância e priorização à formação integral das crianças, considerando que as mesmas são sujeitos de direitos (ARROYO, 1994), conciliando esse entendimento sobre as crianças ao desenvolvimento das atividades pedagógicas realizadas na escola, com o intuito de amenizar tais rupturas (FARIA, 2012).

O tema de pesquisa surgiu de uma inquietação vivenciada na minha casa no ano de 2018, quando meu sobrinho passou da Educação Infantil para o 1º ano do Ensino Fundamental. Para ele, esse processo se mostrou doloroso e com muitas rupturas, pois na Educação infantil as práticas pedagógicas eram regadas pelo brincar e deparando-se com o Ensino fundamental em outra escola, queixava-se constantemente da quantidade de atividades de cópia e do pouco tempo para as brincadeiras. Então, surgiu o interesse de pesquisar sobre esse evento e de identificar, enquanto profissional da educação, quais são os impasses desse processo e estratégias de contorno que amenizem tais rupturas.

Outro fator relevante que me impulsionou a pesquisar sobre a temática foram as experiências adquiridas ao longo do curso, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental e perceber, pelo menos nas escolas da rede municipal e Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), nos quais tive contato, como essas etapas de ensino estão aparentemente distantes. De um lado a educação infantil, com a valorização do brinquedo e das brincadeiras e do outro lado, o ensino fundamental com enfoque prioritariamente, na aquisição da leitura e da escrita.

Portanto, o estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa de campo que buscou compreender como ocorre o processo de transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, em uma turma de 1º ano de uma escola pública da rede municipal, da cidade do Natal/RN, com o intuito de ouvir e perceber como as crianças reagem e entendem esse momento, bem como suas expectativas para essa nova fase e as rupturas vividas durante esse transcurso. Considerando também a perspectiva da professora e do que foi percebido a partir do acompanhamento da turma do 1º ano.

Sendo assim, a pesquisa foi construída a partir do objetivo geral que buscou investigar como ocorre o processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental, na perspectiva das crianças, da professora da turma e do instrumento de observação.

Para alcançar o objetivo proposto a pesquisa contou com um momento de observação direta da turma, a partir da elaboração de um instrumento de observação, com a finalidade de auxiliar a pesquisadora a compreender como se organizava o ambiente em sala, a rotina, as relações entre os sujeitos, as atividades desenvolvidas e como as crianças lidavam com a novidade de estar no 1º ano.

Ainda foram realizadas entrevistas com 6 (seis) crianças da turma, sendo uma entrevista de caráter individual e uma coletiva. Assim como, também, foi aplicado um

questionário com a professora, além de conversas informais estabelecidas ao longo da pesquisa.

Logo, o estudo será construído a partir das falas das crianças, da professora da turma, e do que foi observado durante a pesquisa de campo, relacionando com os documentos legais e a literatura sobre a temática.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma, além da Introdução, o texto possui os capítulos: 2. O percurso metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, que trará os meios que foram utilizados para obtenção dos resultados do estudo; 3. O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: o que os documentos oficiais orientam e o que a literatura tem discutido a respeito, neste capítulo será abordado o referencial teórico que embasou a pesquisa; 4. Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: o processo de transição vivido em uma escola da rede pública municipal na cidade do Natal/RN, de modo a contextualizar o momento de passagem, especificamente nesta escola. Esse capítulo ainda será dividido em três subtópicos: 4.1. O momento de passagem na perspectiva das crianças; 4.2. A percepção da professora sobre esse processo; 4.3. O que foi observado na pesquisa de campo. Os subtópicos tratará a temática na visão dos sujeitos envolvidos nesse processo de transição, abordando as respostas obtidas nas entrevistas, questionário e os pontos observados a partir do instrumento de observação. Por fim, o trabalho trará as considerações finais que discutirá os resultados da pesquisa a partir do objetivo geral proposto, apontando os questionamentos e reflexões gerados pelo estudo de campo.

2 O PERCURSO METODOLÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida durante os dois primeiros meses letivos do ano de 2019, correspondente às datas de 14/03 à 17/05, de segunda a sexta feira, no turno matutino, no horário das 7:00 às 11:20/horas.

Nesse período fizemos o acompanhamento da turma do 1º ano do Ensino Fundamental, permitindo que o trabalho fosse construído a partir da observação direta da turma que contou com o auxílio de um instrumento de observação, entrevistas individuais e coletiva com 6 (seis) crianças e a aplicação de um questionário com a professora da turma, assim como conversas informais oportunizadas ao longo da pesquisa.

O estudo de campo possui uma abordagem qualitativa da pesquisa, que buscou compreender, a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, especificamente às crianças e a professora da turma, como as mesmas vivenciaram esse momento de passagem, assim como o que foi percebido por meio do instrumento de observação.

A pesquisa de campo, construída a partir de uma abordagem qualitativa, como afirma Ludke (2015, p. 14), está diretamente associada à obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto entre o pesquisador e a situação estudada. Nesse sentido sua ênfase está pautada no processo e não apenas no produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes.

Portanto, como auxílio para o desenvolvimento metodológico da pesquisa elaboramos um instrumento de observação direta (APÊNDICE), pautado em quatro eixos, sendo eles: a descrição do ambiente escolar, que buscou compreender a relação da criança com a infraestrutura da sala de aula; a rotina da turma, nesse sentido perceber como era a chegada das crianças na sala de aula, como era feita a mediação pela professora para esse momento, assim como, as atividades e seus objetivos realizadas ao longo da manhã e ainda o período do recreio, como as crianças se organizavam nesse momento; o trabalho pedagógico, voltado a identificar quais eram os materiais didáticos utilizados pela professora; relações humanas, que procurou observar como dava-se as interações entre a professora e as criança, bem como as interações entre as próprias crianças.

Logo, a observação direta da turma proporcionou um contato mais próximo entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa, como cita a autora Ludke (1986, p. 26), "[...] a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado[...]". Sendo assim, nessa etapa da pesquisa pudemos perceber e acompanhar as vivências das crianças nos primeiros momentos da chegada ao 1º ano do Ensino fundamental. Ainda, como afirma a autora anteriormente citada, "A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da "perspectiva dos sujeitos", um importante alvo nas abordagens qualitativas" (LUDKE, 1986, p. 26). Partindo desse entendimento, o instrumento de observação nos possibilitou um olhar mais sensível a pontos específicos desse processo de transição.

Além do instrumento de observação a pesquisa teve como ponto central ouvir as vozes das crianças a respeito desse momento de passagem. Assim como afirmam as autoras Oliveira-Formosinho e Araújo (2007, p 27), "vários autores têm a chamar atenção para o importante processo de escutar as vozes das crianças como forma de melhor as conhecer e melhor identificarmos e respondermos às suas necessidades, interesses, competências e direitos.". Partindo desse entendimento, compreendemos a importância de ouvir as crianças, com o intuito de identificar suas necessidades, seus interesses e assim agir de modo a contribuir de maneira significativa para o seu desenvolvimento.

Portanto, as pesquisas realizadas com crianças, como protagonistas dos estudos, buscam direcionar que as mesmas devem ser vistas como sujeitos que possuem capacidade, que leem e interpretam o mundo, construtoras de conhecimentos e cultura, participantes ativas nos grupos sociais que fazem parte. Como afirmam as autoras citadas acima, "[...] concebe a criança como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade." (OLIVEIRA-FORMOSINHO; ARAÚJO, 2007, p. 33).

Ainda como aponta Cruz et. al (2008),

[...] o objetivo passa a ser pesquisar **com a criança** as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente, colocando-a como parceira do adulto-pesquisador, na busca de uma permanente e mais profunda compreensão da experiência humana. (CRUZ et. al, 2008, p. 53, grifo no original).

Logo, as pesquisas com crianças permitem conhecer as experiências sociais que as mesmas compartilham em seus ambiente de convivência, colocam-as como parceiras do adulto-pesquisador, com o intuito de melhor compreender as experiências humanas. Em outras palavras “uma concepção de pesquisa em que possa ser dada voz à criança e em que possa emergir como sujeito, e não apenas como o objeto da pesquisa sobre a qual o pesquisador fala”. (CRUZ et. al, 2008, p. 63).

Seguindo esse mesmo entendimento, Sarmiento e Pinto (1997 apud MARTINS FILHO, 2011, p. 84) apontam que, "O estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças". Por isso, a partir dessa afirmação é possível compreender que esse é um campo de pesquisa em crescimento e que busca basear-se nas falas das próprias crianças para o entendimento de diversas realidades da infância. Ainda enfatiza a necessidade de ferramentas metodológicas para a escuta das crianças.

Portanto, o presente estudo utilizou-se da entrevista como meio de oportunizar a fala das crianças da turma do 1º ano, a respeito do que sentiam, das suas vivências e como percebiam-se no processo de transição da Educação Infantil ao Ensino Fundamental. Assim como, oportunizou a professora, por meio de um questionário, a trazer a sua perspectiva de como ocorre esse momento de passagem e os desafios que são enfrentados durante o processo.

As entrevistas, elaboradas com caráter semi estruturado, mostraram-se ferramentas pertinentes, pois permitiram uma maior interação e aproximação entre a pesquisadora e os demais sujeitos envolvidos no estudo. Foi possível também criar uma relação de confiança entre os envolvidos, tornando-se um ambiente confortável para tratar da temática em questão. Assim como afirma Lucke (1986):

[...] na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (LUDKE, 1986, p. 33-34).

Ambas as entrevistas realizadas com as crianças, tanto individual como coletiva, tal como informado inicialmente, foram organizadas de modo semiestruturado que proporcionou flexibilidade e adaptações nas conversas com as crianças, de acordo com as necessidades apontadas pelos entrevistados. Assim como afirma a autora citada acima, "[...]a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações." (LUDKE, 1986, p. 34).

Ainda de acordo com Cruz et. al (2008, p. 209-2010), no que se refere a entrevistas individuais com as crianças a mesma prefere adotar o termo “conversas” quando cita:

Preferimos chamar de “conversas” as entrevistas individuais abertas com crianças, porque assim os encontros com elas são definidos como algo mais do que uma entrevista tradicional. [...] Esta conversa envolve igualmente uma observação participativa, que pressupõe assistir, ouvir, refletir e envolver-se com a criança.

No que diz respeito às entrevistas coletivas a autora citada acima afirma em uma de suas pesquisas que:

A entrevista coletiva mostrou-se interessante porque, além de proporcionar um clima mais espontâneo e descontraído para a abordagem do tema em questão, diluía a experiência com os vínculos constituídos na história individual de cada participante, canalizando a discussão para o aspecto geral e conceitual. Outra vantagem do grupo é que a fala dos próprios integrantes serve como estímulo para a fala dos demais, complementando-a ou lhe apresentando contra-argumentações. (CRUZ et.al, 2008, p. 326-327).

As entrevistas individuais e coletiva tiveram a participação de 6 (seis) crianças, a escolha teve como critério contemplar os diversos contextos da turma, por exemplo, crianças que haviam estudado a educação infantil em CMEI; crianças que estudaram a educação infantil em escolas privadas do bairro; crianças que já estudavam desde a educação infantil na escola pesquisa. Considerando que no períodos das entrevistas a turma tinha 25 alunos matriculados, a entrevista coletiva oportunizou ouvir $\frac{1}{4}$ da turma do 1º ano, sendo metade das crianças meninos e a outra metade meninas, também proporcional à quantidade de crianças da turma.

A entrevista individual (APÊNDICE), teve duração média de 10 a 20 minutos, estando dividida em dois segmentos, abordando, primeiramente a etapa da educação infantil, relembrando a rotina, as atividades que eram feitas, como as crianças se viam naquele ambiente e do que mais gostavam nessa fase. Outros pontos abordados tinham relação com a chegada ao ensino fundamental, como foi esse momento de chegada a nova turma, como são as atividades, a rotina, o que mais gostam nessa fase. A intenção era estabelecer uma associação entre as duas etapas e como as crianças percebiam e lidavam com ambas. Com a mesma intenção, também, foi realizada uma entrevista coletiva (APÊNDICE), a partir de uma contação de história com dedoches para que as crianças pudessem, juntas, socializar e expressar aquilo que sentiam a respeito da chegada ao 1º ano e suas experiências no ano letivo de 2019.

As crianças convidadas para a pesquisa foram ouvidas, inclusive, para saber se queriam contribuir para o estudo, foi explicado que estávamos desenvolvendo uma pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, com o intuito de compreender como é para as crianças chegarem ao 1º ano. Assim como, também, os pais/responsáveis foram consultados e permitiram a participação das suas crianças a partir da assinatura de uma carta de autorização (APÊNDICE).

As entrevistas individuais e coletiva foram realizadas pela manhã em horário de aula, pois ficaria inviável que os pais/responsáveis trouxessem as crianças no contraturno da aula, tendo em vista suas demandas pessoais. Por isso, foi reservado a biblioteca da escola, um espaço calmo e adequado para a conversa com as crianças.

Nesse momento da entrevista individual as crianças foram consultadas se queriam ter suas vozes gravadas. Elas ficaram empolgadas em falar sobre suas experiências e em ouvir suas vozes na gravação. Também foi explicado do que tratava-se a entrevista. Esclarecemos que a entrevista é uma conversa entre duas ou mais pessoas, em que uma pessoa faz perguntas e a outra irá respondê-las. E nesse caso, a entrevista ocorreria apenas entre duas pessoas, em que a pesquisadora tinha a função de fazer as perguntas e as crianças iriam responder.

Ainda com a intenção de compreender melhor como as crianças entendem e passam por esse processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental foi realizada uma entrevista coletiva. Esse momento aconteceu dois dias após a conclusão das entrevistas individuais, tendo o intervalo apenas do final de semana. A entrevista coletiva, também,

aconteceu na biblioteca em um momento reservado somente com as seis crianças e a pesquisadora. E teve duração média de 30 a 40 minutos, adotamos como metodologia a contação de uma história com dedoches. O ambiente da biblioteca foi preparado para receber as crianças para esse momento, com a intenção de envolvê-las na proposta do teatrinho com dedoches.

Para iniciar esse momento, ainda com a euforia das crianças, foi informado que duas personagens que iriam participar do teatrinho e se apresentar a elas para uma conversa, pois precisavam de ajuda com um assunto em que as crianças poderiam ajudar. Todas ficaram alegres em estar na biblioteca, parecia um momento mágico e estavam ansiosas para conhecer as personagens e ajudá-las com suas dúvidas.

A história com dedoches seguiu um roteiro com a apresentação das duas personagens, “Ana e Juca”, ambas representavam crianças que iriam começar a estudar no 1º ano do Ensino Fundamental, uma personagem tinha idade seis anos e a outra sete anos, para que as crianças sentissem-se representadas, pois todas possuem essas faixas etárias.

Esse momento da entrevista coletiva, também, buscou respostas das crianças para que juntas pudessem socializar e expressar aquilo que sentiam a respeito da chegada ao 1º ano e suas experiências no ano letivo de 2019. As perguntas e situações mencionadas pelas personagens estavam embasadas nas entrevistas individuais. A ocasião oportunizou uma troca rica de saberes, as crianças puderam expressar como é para elas estarem no 1º ano, a rotina da turma, as atividades que realizam e o que mais ou menos gostam nessa fase. Todas participaram de forma efetiva desse momento, contribuindo de forma ímpar para a elaboração desse estudo.

Ainda para a construção da pesquisa a professora da turma foi ouvida por meio de um questionário, a pedido da própria professora, pois a mesma informou sentir-se mais à vontade. O questionário estava dividido em dois segmentos, tratando primeiramente do perfil da professora, pelo qual foi possível conhecer mais sobre sua formação inicial e continuada, o caminho que percorreu na educação até assumir a turma do 1º ano. E no segundo momento foi feito questionamentos a respeito da temática, que buscou compreender, a partir da perspectiva da professora, quais os principais desafios vivenciados nessa etapa da educação básica, mais especificamente, no processo de passagem da Educação Infantil para o Ensino fundamental. Essa construção também baseou-se em conversas informais acontecidas ao longo da pesquisa.

3 O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE OS DOCUMENTOS OFICIAIS ORIENTAM E O QUE A LITERATURA TEM DISCUTIDO A RESPEITO

A Educação Básica, atualmente, tem duração de 17 anos e está organizada em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais e anos finais, e Ensino Médio. A Educação Infantil corresponde a faixa etária de 0 (zero) a 5 (cinco) anos de idade, o Ensino Fundamental diz respeito às idades de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e o Ensino Médio dos 15 (quinze) aos 17 (dezesete) anos, organizadas assim de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996.

A educação infantil, inicialmente correspondia ao atendimento das crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos de idade, que passou a ser responsabilidade do Estado, a partir da Constituição Federal de 1988. Posteriormente com a promulgação LDBen 9.394/1996, essa etapa da educação foi incorporada a Educação Básica, estando no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

No entanto, com a alteração da LDBen em 2006, devido a antecipação e ampliação do Ensino Fundamental para 9 anos, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de 0 (zero) a 5 (anos), e apenas a partir da emenda constitucional 59/2009 passa ser obrigatória a oferta e matrícula para as crianças com 4 (quatro) e 5 (cinco) anos nas instituições públicas municipais de educação infantil. Sendo a faixa etária de 0 a 3 anos atendida de acordo com as vagas disponibilizadas pelas escolas públicas municipais e das secretarias de educação dos municípios.

É importante destacar que com a ampliação do Ensino Fundamental as crianças saem mais cedo da Educação infantil para ingressarem no 1º ano, iniciando essa jornada aos 6 anos de idade.

Em relação ao Ensino Fundamental, o mesmo corresponde a segunda etapa da Educação Básica, e está organizada em dois segmentos: anos iniciais que contempla do 1º ao 5º ano e anos finais com atendimento do 6º ao 9º ano, atualmente a etapa com maior duração.

Tendo em vista essa situação, em que as crianças saem mais cedo da educação infantil e passam mais tempo no ensino fundamental é preciso refletir como ocorre esse processo de

transição, tomando como base os documentos legais que tratam desse rito de passagem e a literatura produzida acerca da temática. Pensar esse processo implica refletir como as crianças lidam com esse momento, como a escola e docentes planejam esse processo de transição e quais práticas pedagógicas são desenvolvidas com esse público.

Portanto, as crianças precisam ser vistas como sujeitos de direitos e que possuem sua própria identidade, como já citava Miguel Arroyo, “Hoje a criança, pelo seu momento social, já é considerada como alguém que tem sua própria identidade, seus direitos.” (ARROYO, 1994, p. 89), sendo assim as práticas pedagógicas devem ser pensadas de acordo com as particularidades e necessidades desses sujeitos.

Dessa forma, pensar esse processo de transição cabe às duas etapas da educação básica, como já tratava, mesmo que de forma muito breve, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.84), publicado a mais de vinte anos, tendo em pauta essa temática, como um marco significativo para as crianças e estratégias as quais podem ser utilizadas para evitar e diminuir as rupturas causadas por tal mudança:

A passagem da educação infantil para o ensino fundamental representa um marco significativo para a criança podendo criar ansiedades e inseguranças. O professor da educação infantil deve considerar esse fato desde o início do ano, estando disponível e atento para as questões e atitudes que as crianças possam manifestar. Tais preocupações podem ser aproveitadas para a realização de projetos que envolvam visitas a escolas de ensino fundamental; entrevistas com professores e alunos; programar um dia de permanência em uma classe de primeira série. É interessante fazer um ritual de despedida, marcando para as crianças este momento de passagem com um evento significativo. Essas ações ajudam a desenvolver uma disposição positiva frente às futuras mudanças demonstrando que, apesar das perdas, há também crescimento (BRASIL, 1998, p.84).

O trecho citado acima, é o único parágrafo do documento que trata sobre esse processo de transição. Se levarmos em consideração a importância desse momento de passagem e suas particularidades, é uma abordagem muito sucinta e resumida. No entanto, já nos oportuniza refletir sobre quais estratégias, enquanto profissionais atuantes da educação infantil, pode-se adotar para diminuir tais rupturas e como pode-se estabelecer um diálogo com as escolas que ofertam o ensino fundamental. Oportunizando a criação de elos entre as instituições, os quais podem beneficiar todos os sujeitos envolvidos nesse processo.

Portanto, para que esse processo ocorra com menos dificuldades a escola e professoras(es), precisam compreender que a criança é o sujeito principal desse processo, ou seja, enxergar as crianças em sua totalidade, permitindo que a chegada ao ensino fundamental seja a continuidade e ampliação das aprendizagens conquistadas na educação infantil.

Pois, de acordo com o DCNEI (BRASIL, 2010, p.12), as crianças são vistas como

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivência, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Percebe-se nessa passagem do documento as diversas maneiras de aprendizagem das crianças, algo que precisa ser pensado em todo o percurso do seu desenvolvimento, não apenas restrito a etapa da educação infantil.

Com as discussões para a ampliação do ensino fundamental para nove anos, o Ministério da Educação publicou, em 2004, um relatório com o título “Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos”, discutindo pontos importantes da proposta de ampliação que ocorreu em 2006. O documento enfatiza que “Os processos educativos precisam ser adequados à faixa etária das crianças ingressantes para que a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental aconteça sem rupturas traumáticas para elas.” (BRASIL, 2004a, p.2).

Ou seja, é a articulação das práticas pedagógicas de acordo com a idade das crianças que vivenciam esse processo. Como afirma Arroyo (1994, p. 90), “Cada idade tem, em si mesma, a identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade.” Logo, a criança que sai da educação infantil não deixa de ser criança porque chegou ao ensino fundamental.

O documento “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade”, também publicado pelo MEC em 2006, traz uma série de orientações a respeito da chegada das crianças ao 1º ano do ensino fundamental. Trata sobre às práticas pedagógicas a serem desenvolvidas com a crianças, a importância das brincadeiras para essa etapa da educação básica, a aquisição da leitura e da escrita por meio de aprendizagens significativas. Todas as discussões relacionadas a adaptação das crianças às novas configurações da escola e às formas de mediação para esse processo.

E uma das discussões centrais sobre esse processo de passagem são os métodos de ensino adotados e como às crianças passam mais tempo concentradas na aprendizagem de conteúdos muitas vezes reprimindo a sua natureza criativa, negando-às o momento das brincadeiras a custo da aquisição da leitura e da escrita. O documento mencionado acima afirma que, “Partindo do princípio de que o brincar é da natureza de ser criança, não poderíamos deixar de assegurar um espaço privilegiado para o diálogo sobre tal temática” (BRASIL, 2006, p.9).

Logo, entendemos que o 1º ano do ensino fundamental deve ser um período privilegiado para o trabalho com as diferentes dimensões do desenvolvimento humano, tendo como ponto principal de referência a infância, de modo a ampliar o trabalho desenvolvido na educação infantil e não uma repetição desse trabalho. Afinal, de acordo com desenvolvimento humano surgem novos desafios a serem enfrentados.

Outro documento oficial que aborda a temática em questão, mesmo que seja uma passagem resumida, é a Base Nacional Comum Curricular, versão final 2018, que também traz em sua pauta a importância de haver equilíbrio nas mudanças entre as duas etapas da Educação Básica, de modo a garantir a integração e a continuidade dos processos de aprendizagem das crianças, respeitando as suas especificidades, com destaque, também, para necessidade de se estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação das crianças, como aponta:

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2018, p. 53).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que o ingresso no 1º ano do Ensino Fundamental deve ser a continuação e ampliação das vivências e aprendizagens adquiridas na Educação Infantil. Ainda referente ao texto mencionado acima, é importante destacar que quando o documento afirma “A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita

atenção”, essa responsabilidade é trazida para a escola e para as(os) professoras(es) que precisam planejar e criar estratégias de acolhimento das crianças, garantindo-lhes a integração e continuidade das aprendizagens. Esse papel a escola precisa desempenhar.

Além dos documentos oficiais nacionais, em 2018, o município colocou para consulta pública, o documento preliminar Referenciais Curriculares Municipais para a Educação Infantil de Natal/RN, que traz um capítulo inteiro, abordando uma discussão substancial a respeito da transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental, apontando estratégias às quais as escolas devem utilizar para articular esse momento de passagem, uma delas é:

Prever formas de articulação entre os docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, tais como: encontros, visitas, reuniões a partir de instrumentos de registro (portfólio, relatórios, documentação da frequência, pareceres descritivos das produções das crianças) que permitam aos docentes do Ensino Fundamental conhecer os processos de aprendizagem vivenciados na Educação Infantil, em especial na Pré-escola e as condições em que esses processos ocorreram, independentemente, dessa transição ser feita no interior de uma mesma instituição ou entre instituições. (BRASIL, 2018, p. 100).

Concordando com os demais documentos citados anteriormente, o RCMEI (2018), destaca a importância da articulação entre as duas etapas da educação básica, de modo a propor estratégias que amenizem os impactos e rupturas causadas pelo processo de transição. Considera as aprendizagens vivenciadas na educação infantil que são apresentadas as(os) professoras(es) do ensino fundamental por meio de diálogos e instrumentos de registro, o que permite conhecer os processos de aprendizagens das crianças, tornando-se possível a continuidade e ampliação dessas aprendizagens no ensino fundamental.

Outro ponto que enfatizamos desse documento é o destaque feito em relação as especificidades da criança de 6 (seis) anos que chega ao ensino fundamental:

A articulação da Educação Infantil e o Ensino Fundamental precisa considerar e respeitar as especificidades da criança de seis anos de idade, que já não é tão pequena, tampouco é tão grande, que tem expectativas sobre o universo da escola e que essa mudança é um marco significativo para ela, que leva consigo as suas histórias, saberes, singularidades e um jeito próprio de ser e estar no mundo, vivendo, ainda, a sua infância. Diante disso é necessário, desenvolver um planejamento para o acolhimento, com práticas significativas que contribuam para os processos de aprendizagem e

desenvolvimento das crianças, e para que não haja ruptura ou descontinuidade entre essas etapas. (BRASIL, 2018, p. 100-101).

A partir da abordagem desse documento podemos perceber a preocupação da Secretaria Municipal de Educação de Natal (SME), em orientar as escolas acerca dos planejamentos pedagógicos para esse processo de transição com o intuito de considerar as especificidades das crianças, seus saberes, histórias e expectativas para a nova fase, acolhendo e proporcionando aprendizagens significativas nessa etapa da educação, garantindo-lhes, também, o direito de continuar vivendo suas infâncias.

É premente salientar a ênfase dada a transição no documento supracitado, conquanto, não conseguimos acesso aos referenciais municipais do Ensino Fundamental, para analisar se há continuidade nas discussões propostas.

As pesquisas realizadas sobre a temática, mostram que se de um lado temos a educação infantil com os dois eixos norteadores centrados nas interações e brincadeiras, entendendo às crianças como sujeitos produtores de cultura que “brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade” (BRASIL,2010). Do outro lado, temos o 1º ano do Ensino Fundamental, onde é comum encontrar o pensamento de que esse é o momento de “aprender a ler e escrever”, as crianças perdem o posto de crianças e ganham o título de aluno, aquele que só pode falar quando é autorizado pela professora, que deve ficar sentado todo tempo, que deve comportar-se, afinal já é uma “criança crescida”, deve obedecer e ficar quieto.

E acreditamos que esse seja um dos maiores desafios a serem vencidos pela escola a respeito desse processo de transição passar a enxergar essas duas etapas como aliadas e não como opostas, como continuidade e não uma preparação para avançar de uma etapa para outra. Por isso, é importante enfatizar que, sob nenhuma hipótese, a educação infantil deve ser vista como uma etapa preparatória para a alfabetização. Pelo contrário, a educação infantil está no mesmo patamar que às demais etapas da educação básica e possui suas próprias especificidades como aponta a LDB 9394/96.

Ainda seguindo esse entendimento, da visão que é reproduzida sobre o 1º ano do ensino fundamental, que o mesmo não é mais lugar para as brincadeiras, mas sim para a aquisição da leitura e da escrita, perspectiva percebida no campo da pesquisa. Assim como constatou Motta em seus estudos (2013, p. 128):

[...] a sala de aula, no ensino fundamental, era um espaço no qual os movimentos deveriam ser mais contidos, as vozes deveriam ser reguladas num volume mais baixo, os movimentos não autorizados ou não participantes das ações escolarizadas deveriam ser feitos de maneira rápida e sutil, preferencialmente quando a professora não estivesse atenta aos envolvidos na comunicação. Percebe-se aqui uma sujeição dos corpos infantis à lógica das culturas escolares que conformam um tipo de subjetividade bem específica: a do aluno. (MOTTA, 2013, p. 128) .

Essa situação é, sem dúvida, muito presenciada no 1º ano do ensino fundamental. As crianças passam a grande maioria do tempo sentadas, voltadas ao quadro, a sala é um ambiente apenas para a concentração, focada, principalmente, na aquisição da leitura e da escrita. Um ambiente no qual não podem conversar ou levantar. Às crianças não podem mais comportar-se como crianças, mas apenas como alunos.

Estudos realizados pela autora Neves (2010), apontam a relevância da integração entre as práticas pedagógicas das duas etapas, dando ênfase, ao brincar e a aquisição da língua escrita, assim como as demais linguagens que proporcionam o desenvolvimento integral da criança na infância. Salientamos que o processo de aquisição da leitura e da escrita é de fundamental importância para essa etapa. É direito das crianças aprender a ler e escrever, ambos são meios de integrar a criança na cultura letrada, a grande ênfase da discussão dar-se em como esse processo está sendo conduzido.

Ainda nesse sentido a autora Martinati (2012), afirma a necessidade haver um conhecimento por parte das(os) professoras(es) a respeito das crianças de 6 anos que chegam ao 1º ano do Ensino Fundamental, pois as mesmas já possuem uma história construída e a ampliação das suas aprendizagens não podem ocorrer apenas por meio do controle do corpo e o silêncio. Posicionamento que se articula com a autora citada anteriormente que aponta a necessidade de articulação entre as duas etapas, assunto que também é abordado e relacionado com os documentos oficiais.

Estudos realizados por Ribeiro (2014), também apontam a necessidade de se fazer uma reflexão, por parte das(os) professoras(es) atuantes nessas etapas de ensino a respeito das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse processo de a transição das crianças da educação infantil que ingressarão no 1º ano do ensino fundamental, com o intuito da criança familiarizar-se com a nova escola, e caso percebam dificuldades, sejam criadas estratégias

para superá-las, deixando claro, também, em seus estudos a sua concepção sobre as brincadeiras nessas etapas, a partir da afirmação: “a criança que brinca na educação infantil será a mesma que também aprende no 1º ano do ensino fundamental” (RIBEIRO, 2014, p. 78).

Portanto, a autora Ribeiro (2014), defende em seu posicionamento que a brincadeira é a principal atividade da criança, sendo por meio dela que os mais diversos conhecimentos são construídos, constituindo-se um dos principais suportes para o desenvolvimento da criança. Do mesmo modo, podemos reafirmar a partir da fala de Vigotski (2003), que as brincadeiras ocupam um lugar importante para as crianças de 0 a 6 anos de idade.

Por isso, é de extrema relevância organizar e desenvolver um trabalho pedagógico voltado para a atividade humana, de modo a orientar a transição escolar trazendo contribuições significativas, sobretudo ao ensino fundamental.

Nesse mesmo segmento, podemos afirmar através da fala das autoras Paulino e Queiroz (2018), que esse momento de transição gera expectativas nas crianças, elas querem aprender mais, tem curiosidades sobre o mundo e a cultura letrada, mas não perdem o interesse pelo brincar, nesse sentido as autoras afirmam que:

as crianças da educação infantil que irão para o 1º ano do ensino fundamental têm expectativas em relação ao que vão aprender na nova instituição educativa ou na nova sala de aula, sem deixar de gostar de brincar e, acreditamos que talvez sejam capazes de aprender de forma mais significativa se puderem continuar brincando no cotidiano da escola mesmo que ela seja um pouco reduzida (PAULINO; QUEIROZ, 2018, p.70).

Diante do que foi exposto, podemos perceber através das falas das(os) autoras(es) e dos documentos oficiais que orientam a educação brasileira, a importância de se discutir e refletir sobre a transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, as mudanças e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas duas etapas da Educação Básica. E, acima de tudo, enxergar a criança como personagem principal desse processo e possibilitá-las vivenciar esse momento com menos rupturas e mais oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem diante de todos os meios de obtê-las, seja através das brincadeiras, do faz de conta, do letramento ou da aquisição da leitura e da escrita. Como enfatiza Faria (2012, p.45):

[...] é importante pensar o fazer pedagógico em sua cotidianidade, utilizando-se de estratégias que oportunizem para as crianças a continuidade

no seu processo de desenvolvimento e aprendizagens, facilitando-lhes vivenciar esse 'ritual de passagem' sem causar rupturas que provoquem, nelas e em suas famílias, ansiedade e insegurança. (FARIA, 2012, p. 45).

Portanto, essa é uma responsabilidade muito importante que está posta para a escola e para as(os) professoras que lidam diretamente com as crianças envolvidas nesse processo transição. Sendo assim, apontamos em nossa discussão e enfatizamos que para esse processo ocorrer de forma saudável, primeiramente a criança precisa ser respeitada como criança, de acordo com sua faixa etária e suas necessidades, ou seja, serem vistas como sujeitos de direitos. E às aprendizagens devem ser oportunizadas de diversas formas, aproveitando assim toda a capacidade criativa da criança. Isto é, proporcionando-lhes aprendizagem com sentido e significativas.

4 DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL: O PROCESSO DE TRANSIÇÃO VIVIDO EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NA CIDADE DO NATAL/RN

A escolha da escola para a pesquisa de campo levou em consideração a mesma ofertar, simultaneamente, as duas etapas da educação básica, a Educação Infantil, níveis III e IV e 1º ano do Ensino Fundamental, as quais o estudo se dirige.

A escola faz parte da rede pública municipal na cidade do Natal e está localizada no bairro de Nova Descoberta. a mesma funciona nos três turnos, sendo o turno matutino para o atendimento das crianças da Educação Infantil , nível III e estudantes do Ensino Fundamental - anos iniciais, ou seja, do 1º ao 5º ano. No turno vespertino funciona a Educação Infantil, nível IV e o Ensino Fundamental - anos finais, do 6º ao 9º ano e à noite é oferecida a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No decorrente ano letivo, foram matriculados 412 alunos distribuídos nos três turnos, matutino 167, vespertino 131 e noturno 114. A equipe pedagógica da escola é formada por 48 professores que lecionam nos três turnos de funcionamento, duas gestoras, 14 funcionários e 09 empregados terceirizados. Quanto à estrutura física, a instituição possui 12 salas de aula, quadra coberta, pátio, sala de recursos multifuncionais, sala de vídeo, biblioteca, laboratório de informática, sala dos professores, sala da coordenação, direção, secretaria, cozinha, dois banheiros para os alunos, um de uso feminino e outro masculino, e um banheiro de uso exclusivo para professores e funcionários da escola.

A pesquisa foi desenvolvida com a turma de 1º ano, inicialmente com 41 alunos matriculados, mas dois não chegaram a frequentar as aulas, pois foram transferidos para outras escolas, restando efetivamente 39 alunos matriculados e que, posteriormente, a turma foi dividida em razão da quantidade de crianças, tornando-se 1º ano A e 1º ano B.

Das 39 crianças matriculadas, todas tiveram vivências na Educação Infantil. Dentre elas 17 cursaram os níveis III e IV da Educação Infantil na própria escola pesquisada; 12 crianças frequentaram Centros Municipais de Educação Infantil - CMEIs; 4 cursaram em escolas da rede municipal de ensino e ainda 5 crianças vieram de escola privadas do bairro, mas não constavam registradas nas fichas de matrícula os nomes das instituições.

As crianças da turma iniciaram o ano letivo com faixa etária regular, entre elas 37 (trinta e sete) iniciaram as aulas com idade de 6 anos completos, e 2 (duas) com idade de 5 anos e 11 meses.

A maioria das crianças matriculadas no 1º ano residem no bairro de Nova Descoberta, nas proximidades da escola, exceto quatro delas que residem em bairros vizinhos. De acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola, os pais/responsáveis trabalham como autônomos, comerciantes, funcionários terceirizados ou ainda são pessoas do lar, com renda familiar de um a dois salários mínimos.

Das crianças convidadas a participarem das entrevistas, 3 (três) eram meninas e 3 (três) meninos, todas iniciaram o ano letivo com idade de 6 anos completos. Entre elas, 3 (três) já estudavam na escola onde a pesquisa estava sendo realizada, 2 (duas) vieram de CMEIs e 1 (uma) veio de uma escola privada do bairro, porém não consta registrado na ficha de matrícula o nome da instituição, apenas que era uma instituição privada.

4.1 O momento de passagem na perspectiva das crianças

Nesta seção do capítulo trataremos da temática da transição da Educação infantil para o ensino fundamental, a partir da perspectiva das crianças, trazendo para a discussão os resultados obtidos nas entrevistas individuais e coletiva. Para isso, dividiremos em dois momentos, primeiramente os resultados das entrevistas individuais, abordando as respostas das crianças em relação às suas experiências na educação infantil, chegada ao 1º ano e vivências no ensino fundamental até aquele momento da pesquisa. Em seguida, trataremos dos resultados da entrevista coletiva, a partir do entendimento das crianças sobre esse momento de passagem e apontamentos sobre suas experiências no 1º ano, tendo em vista a escolha metodológica para essa entrevista, em que as próprias crianças orientaram as personagens sobre o momento de passagem para o ensino fundamental.

A entrevista individual está organizada e centrada nas duas primeiras fases da Educação Básica, quais sejam, a Educação infantil e o Ensino Fundamental, na perspectiva de perceber a visão e o entendimento das crianças sobre essas fases. No quadro a seguir, estão organizados as categorias e subcategorias nas quais foram feitas as entrevistas.

Quadro 1 - Categorias e subcategorias relativas à temática: A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a perspectiva das crianças.

Tema	Categorias	Subcategorias
A Transição das Crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental	I. A Educação Infantil	I.a. Essa etapa a partir da visão das crianças e suas vivências
	II. O 1º ano do Ensino Fundamental	II.a. A chegada ao 1º ano II.b. Essa etapa a partir da visão das crianças II.c. A rotina (tarefas e momento das brincadeiras) II.d. O desejo de aprender II.e. O que podemos melhorar no 1º ano II.f. O elo entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (do que eu sinto falta)
	III. O momento coletivo	III.a. Compartilhando experiências

Fonte: A autora (2019)

I. A Educação Infantil

Na entrevista foi conversado com as crianças sobre onde elas estudaram na Educação Infantil, se havia sido em escola ou CMEI, conhecido por elas como creche, quais os nomes das professoras, o nome da Escola/CMEI e as atividades que eram feitas com a turma. A conversa possibilitou que as crianças pudessem lembrar como era a rotina nessa fase, o que faziam, o que mais gostavam. As perguntas tinham a intenção de que as crianças pudessem estabelecer uma diferenciação entre as duas etapas da educação básica. Houve essa necessidade, pois algumas crianças entrevistadas já estudavam na escola e por não acontecer as mudanças de espaço físico, uma delas apresentou dificuldade em fazer essa diferenciação. A seguir a subcategoria trará as falas das crianças a respeito da Educação Infantil.

I.a. Essa etapa a partir da visão das crianças e suas vivências

De modo geral as falas das crianças estavam centradas nos momentos da rotina voltados às brincadeiras. É nítido, através de suas falas, como as brincadeiras estavam presentes nas práticas cotidianas da Educação Infantil. Assim como aborda o documento do Ministério da Educação a respeito das diretrizes curriculares orientadas para a etapa da Educação infantil, que tem sua proposta pedagógica pautadas em dois eixos norteadores: as interações e as brincadeiras, com o intuito de garantir às crianças o acesso aos conhecimentos, às diversas experiências de aprendizagem (BRASIL, 2010). Após as perguntas que permitiram às crianças contextualizarem o seu momento na Educação Infantil foi feito o seguinte questionamento: ***O que você fazia quando estava na Educação Infantil (escola/CMEI/creche)?***

Criança 1: *“A gente brincava[...] a gente fazia trabalhos.”*

Criança 2: *“Brincava de boneco, de carro”*

Criança 3: *“brincava. Com carro, bloco e boneca, era isso.”*

Criança 4: *“Atividades, tinha uma que a gente tinha que adivinhar os números. Era mais de pintar, por que a gente não estava no 1º ano. [...] Olha, a gente brincava de uns bloquinhos”*

Criança 5: *“A gente brincava um pouquinho, depois dormia e chegava outra professora, a gente tomava banho e depois ia para o parquinho”.*

Criança 6: *“Brincava e depois a professora dava aula”*

É importante destacar que as brincadeiras exercem um papel fundamental na aprendizagem das crianças, como discute a autora Kishimoto (2010), através das brincadeiras as crianças têm a oportunidade de expressar seus sentimentos, sua identidade e individualidade, a conhecer a si mesma, ao outro e o mundo, proporcionando-lhes também o poder de tomar decisões e ainda solucionar e criar problemas, isso por meio das diferentes formas de linguagem, como por exemplo a linguagem corporal, os movimentos, os sentidos. Nesse contexto, através de suas falas, as crianças pontuam tanto a supremacia do brincar, quanto a nítida separação entre o brincar e a "aula".

Dando continuidade a conversa foi perguntado às crianças ***“O que você mais gostava de fazer quando estava na Educação Infantil?”***

Criança 1: “*Do parquinho.*”

Criança 2: “*De brincar.*”

Criança 3: “*Do lanche e do parquinho.*”

Criança 4: “*Ajudar e estudar.*”

Criança 5: “*De dormir e do parquinho.*”

Criança 6: “*De brincar.*”

As respostas a essa pergunta está muito relacionada a primeira, tendo em vista que o brincar está presente na essência das crianças. Três das seis crianças entrevistadas afirmaram que o que elas mais gostavam era do parquinho, isso demonstra o prazer que as crianças têm ao brincar fora da sala de aula, com diferentes tipos de brincadeira, proporcionando-lhes desenvolver diversas habilidades, como aponta o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, “As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresentam-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas de gude, atirar com estilingue, pular amarelinha etc.” (BRASIL, 1998, p. 59).

Ainda de acordo com as respostas das crianças 3 e 5, podemos compreender que suas falas demonstram a representação que elas têm da educação infantil, de maneira que os momentos marcantes não há, necessariamente, a presença da professora, bem como, indicam, implicitamente, que as atividades desenvolvidas podem não estar condizentes com a faixa etária.

No entanto, de modo geral, após ouvir as crianças a respeito da etapa da educação infantil ficou claro a ruptura do momento de brincar, algo que era tão presente na rotina das crianças passa a existir de forma muito escassa e superficial, quando ouve-se as experiências vividas até aquele momento no 1º ano do Ensino Fundamental, o que discutiremos na categoria a seguir.

II. O 1º ano do Ensino Fundamental

A categoria II, trará o resultado das entrevista individuais em que as crianças responderam a perguntas voltadas às suas experiências no ensino fundamental até aquele momento. Tiveram a oportunidade de expressar seus sentimentos, opiniões, inquietações e sugestões a respeito da chegada ao 1º ano. A seguir às subcategorias desta seção trará a

perspectiva das crianças a partir de questionamentos, pelos quais foram possíveis identificar as rupturas, lacunas e dificuldades vividas pelas crianças no processo de transição da Educação infantil para o ensino fundamental.

II.a. A chegada ao 1º ano

O momento de chegada ao Ensino Fundamental, sem dúvida, é um marco significativo para as crianças, conhecer uma nova escola que é frequentada por "crianças grandes", um discurso presente na fala das crianças entrevistadas, como aborda Dias (2014) em sua pesquisa de mestrado: "Da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: Outro espaço e outras experiências? O que dizem as crianças?" quando aponta que as crianças demonstraram uma concepção de ensino fundamental como um ambiente em que se é "grande", esse entendimento encoraja o desejo de ir para uma nova escola, as crianças criam muitas expectativas para esse momento. Com isso registramos as falas das crianças a respeito de sua experiência, fizemos a seguinte pergunta: "**Como foi para você começar o 1º ano?**"

Criança 1: *"Foi legal, por que conhecer professoras novas é legal, conhecer você e a professora Maria."*

Criança 2: *"Legal."*

Criança 3: *"Achei muito legal."*

Criança 4: *"Unhum, eu vi até outros alunos."*

Criança 5: *"Legal, eu gostei."*

Criança 6: *"É bom, a professora é legal."*

De modo geral todas as crianças responderam de forma positiva a pergunta, umas com mais entusiasmo que outras. Esse momento de chegada se destaca como uma novidade e inserção no mundo formal da escrita, elas têm a percepção de que só se chega ao primeiro ano quando "cresce", como enfatizam as autoras Barbosa et al (2012, p. 139), "Ingressar na escola de ensino fundamental significa, em nossa sociedade, apropriar-se de um importante sistema simbólico: a cultura letrada." Algo que é também refletido na visão da professora da turma, quando menciona em uma das aulas *"agora vocês estão no primeiro ano, tem que ser um bom aluno e se comportar para aprender a ler e escrever"*.

Essa postura adotada pela professora demonstra como se a partir daquele momento elas não fossem mais crianças. Tal fala é preocupante, pois coloca e induz a criança a deixar de ser criança, desconsiderando sua forma de ser, agir e pensar. Esse aspecto, espelha um dos entraves da transição, que vincula ao "desaparecimento do ser criança", na exigência de comportamentos, jeitos e modos distintos da fase em que se encontram as crianças. Os documentos analisados, no capítulo anterior, dizem do cuidado em atender a criança de 6 anos, sem que se perca de vista suas singularidades e especificidades.

É perceptível nas falas das crianças ao longo da entrevista que gostam de estar na nova escola, no entanto demonstram as lacunas sentidas entre as duas etapas da educação básica, e as adaptações frente às mudanças.

II.b. Essa etapa a partir da visão das crianças

Nesse ponto da entrevista gostaríamos de frisar as experiências positivas compartilhadas pelas crianças na nova realidade vivida no ensino fundamental. Para isso perguntamos: *“O que você mais gosta no 1º ano?”*. As respostas foram variadas, mas demonstram em si que as crianças procuraram formas de adaptarem-se às novas configurações de escola. E como podemos observar as experiências positivas expressadas pelas crianças, deram-se em momentos fora da sala de aula ou quando tiveram contato com a liberdade do brincar, ou seja, a permanência do caráter lúdico e da brincadeira como atividade principal da criança, como veremos nas respostas a seguir:

Criança 1: *“De fazer tarefa.”*

Criança 2: *“De lanchar, brincar de massinha e com as peças.”*

Criança 3: *“Gosto de lanchar, de abraçar as professoras, de ir para a quadra, eu gosto de tudo.”*

Criança 4: *“Escrever, eu adoro escrever.”*

Criança 5: *“Do recreio, a gente fica brincando.”*

Criança 6: *“Da biblioteca.”*

É importante destacar, ainda sobre os relatos das crianças em suas experiências positivas que acontecem fora da sala de aula, algo que também se aproxima das experiências

relacionadas a pré-escola. Esses momentos fora da sala de aula são importantes pois oportunizam vivências diversas, como citado mais de uma vez nas entrevistas, o momento do lanche e do recreio, pois são horários que as crianças interagem de forma livre, enquanto que em sala de aula elas passam a manhã inteira sentadas, algo que será discutido posteriormente no subtópico 4.3.

Por outro lado, a partir das colocações de algumas crianças, podemos perceber que às mesmas já habituaram-se a rotina da sala de aula, mesmo em pouco tempo de convivência, e demonstram uma certa "acomodação" a forma de atendimento do 1º ano.

II.c. A rotina (tarefas e momento das brincadeiras)

Outros aspectos abordados nas entrevistas relacionam-se a rotina do 1º ano, que desdobrou-se em dois questionamentos que tratavam das atividades e do momento das brincadeiras, respectivamente. Com a pergunta *“Como são as tarefas que você faz no 1º ano?”* foram obtidas as seguintes respostas:

Criança 1: *“De escrever e pintar.”*

Criança 2: *“De pintar e de escrever, era atividade sobre uma casa e um carro.”*

Criança 3: *“É de pintar, de escrever e de fazer o nome.”*

Criança 4: *“De escrever e de pintar, os desenhos já vem prontos, mas as vezes a gente faz também.”*

Criança 5: *“A gente faz um monte que eu nem sei. Primeiro a gente escreve e depois pinta.”*

Criança 6: *“De escrever e pintar.”*

O questionamento teve o intuito de captar das crianças aquilo que percebiam em relação às atividades e em suas expressões, durante as entrevistas, foi notório que não sentiam-se desafiadas, pelo contrário as atividades são vistas como algo monótono, repetitivo e enfadonho, como apontam as respostas de todas as entrevistas, de forma unânime as tarefas são de “escrever” e “pintar”. As atividades, de modo geral, assim como é mencionado pelas crianças, são de cópia e de pintar desenhos prontos, ou seja, a ênfase está em atividades de escrita e de pintura, porém não é explorado o desenho em si.

Nesse sentido o documento Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a

inclusão das crianças de seis anos de idade (BRASIL, 2006, p. 58), traz alguns apontamentos sobre as responsabilidades das(os) professoras(es) no planejamento das atividades para as crianças, quando cita “[...] cabe a nós, professores(as), planejar, propor e coordenar atividades significativas e desafiadoras capazes de impulsionar o desenvolvimento das crianças e de amplificar as suas experiências e práticas socioculturais.”

Compreendemos e enfatizamos aqui a necessidade de propor atividades que as crianças possam investigar e intervir em sua realidade, reconhecendo-se como parte que integra a natureza e a cultura, podendo a partir disso ampliar a compreensão da sua própria história, da forma de viver e de se relacionar consigo e com o outro.

A segunda pergunta estava relacionada ao momento do brincar, algo que foi muito enfatizado pelas crianças na etapa da Educação Infantil. Questionamos, “*Em qual momento vc brinca no 1º ano?*”, as respostas também foram unânimes. O momento do brincar acontece no recreio, como mostra as respostas a seguir:

Criança 1: “*No recreio eu brinco com a minha prima. Hoje quando a gente terminou a tarefa a gente tava brincando com as pecinhas.*”

Criança 2: “*No recreio.*”

Criança 3: “*Brinco com meu amigo maurício na quadra.*” (momento do recreio)

Criança 4: “*No recreio, de tica tica. Com a minha prima e as amigas dela.*”

Criança 5: “*No recreio.*”

Criança 6: “*Quando toca o sinal aí eu vou brincar.*”

As respostas nos faz refletir que as brincadeiras no 1º ano perderam espaço para as atividades de cópia, que tem como objetivo treinar as crianças para a escrita, desconsiderando a natureza criativa da criança. É importante destacar que o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, como aponta Barros (2009, p. 54, apud SILVA, 2016, p. 34), “O brincar, atividade essencial para o desenvolvimento infantil, não pode ser visto somente com fins didáticos para a alfabetização. Tem que ser percebido como uma atividade essencial e potencializadora do desenvolvimento, e que proporciona à criança durante seu processo a capacidade de ler o mundo adulto, opinando e criticando-o.” No entanto, na turma pesquisada a brincadeira não está inclusa em sua rotina.

Nesse sentido, o documento que tratou a inclusão das crianças de seis anos no ensino

fundamental (BRASIL, 2006, p. 35), já mencionado anteriormente, ressalta, “é preciso que as rotinas, as grades de horários, a organização dos conteúdos e das atividades abram espaço para que possamos, junto com as crianças, brincar e produzir cultura.” Diante dessa afirmação compreendemos que a escola precisa ampliar a visão sobre os diversos meios que podem ocorrer a aprendizagem das crianças, as diversas linguagens que podem oportunizá-las o conhecimento.

Ainda seguindo esse entendimento, (BARBOSA et. al 2012, p. 112) enfatiza que, “Nas escolas, bem como em outros lugares, deve haver espaço para que o corpo não silencie, que possa mover-se, atuar, agir, construir-se”, em outras palavras, na escola as crianças não precisam silenciar o corpo, ficando contidas a manhã inteira em uma cadeira, a própria liberdade dos movimentos já é em si, formas de interagir, criar e construir novas aprendizagens.

II.d. O desejo de aprender

Em um dado momento da entrevista foi perguntado, “***O que você espera/gostaria de aprender no 1º ano?***” e ouvir as respostas das crianças foi muito empolgante, quase que de modo geral as crianças têm o desejo e vontade de aprender a ler, como podemos acompanhar nas respostas a seguir:

Criança 1: “*A ler, por que eu quero ler tudo que tem na minha frente. Assim vou ler um livro sem precisar pedir a minha mãe*”

Criança 2: “*Não sei.*”

Criança 3: “*O nome do alfabeto e os números das atividades.*”

Criança 4: “*Aprender como é as coisas no mundo, aprender a ler.*”

Criança 5: “*Eu não sei.*”

Criança 6: “*Aprender a ler.*”

Durante a conversa foi possível perceber que algumas crianças já atribuem uma função social para a leitura, quando em uma das falas a criança enfatiza “*quero ler tudo que tem na minha frente*”, percebe-se que a mesma já compreende que a leitura está presente em nossas práticas cotidianas, como afirmam Barbosa et. al (2012, p. 136), “Para compreender a

leitura é preciso que essa ação tenha uma função social para as crianças”.

Seguindo esse mesmo entendimento, Queiroz e Maciel (2014, p. 35) apontam que apropriar-se da língua escrita é, “antes de tudo, um direito fundamental do cidadão e uma das principais vias de acesso ao conhecimento, à cultura e à participação social”. Logo, é função da escola promover práticas que incluam as crianças no mundo do conhecimento, incentive a imaginação, a criatividade, a reflexão e o pensar criticamente, assim como afirmado no documento que trata do ingresso das crianças no ensino fundamental (BRASIL, 2006, p. 52), “devemos propiciar às crianças práticas de leitura e escrita que provoquem a imaginação, a fantasia, a reflexão e a crítica.”

É importante salientar que algumas crianças não têm clareza em relação ao que querem ou gostariam de aprender, talvez por falta de interesse ou incompreensão acerca da questão. Por isso, destacamos a fala de duas crianças (crianças 2 e 5) que apontaram não saber o que querem aprender no primeiro ano, a réplica a essa resposta foi *“Tudo bem, nem sempre temos certeza ou sabemos o que queremos”*, mas o fato de não saber fez-nos dar mais atenção as demais respostas, e ambas as crianças (2 e 5) foram as mesmas que responderam, respectivamente, sobre as tarefas feitas em sala: *“De pintar e de escrever, era atividade sobre uma casa e um carro.”* e *“A gente faz um monte que eu nem sei.”* as falas demonstram que as crianças não atribuem sentido às atividades desenvolvidas em sala, então como dizer que querem aprender algo, se o que é feito todas as manhã não tem um sentido real?

Também é fato que querem aprender sobre o mundo, as coisas, o que é típico desta idade, haja vista as descobertas que estão fazendo. Por isso, é tão importante que a escola proporcione às crianças essa aproximação e contato com cultura letrada, mostre de forma prática que a leitura e a escrita tem funções para além das atividades da sala de aula. Além disso, articule, também, às demais áreas do conhecimento, como aponta o RCMEI (2018) citado no capítulo anterior,

Cabe aos anos iniciais do Ensino Fundamental, em continuidade à Educação Infantil, desenvolver uma proposta pedagógica que envolva as diferentes áreas do conhecimento, constituindo-se em atividades que promovam interações entre as crianças e entre elas e os adultos, em diversidade de ambientes (desafiadores, aconchegantes, criativos, alegres, divertidos, encorajadores e seguros) que valorizem e ampliem as leituras de mundo e agucem a curiosidade e a capacidade de pensar e decidir. (BRASIL, 2018, p. 101).

Ou seja, articule, a arte, a matemática, a área das ciências da natureza, que para o 1º ano possui o componente curricular “Ciências” com objetos do conhecimento e habilidades específicas para essa etapa, a área das ciências humanas, com o estudo da Geografia e da história, de acordo com a proposta da BNCC (BRASIL, 2018). Logo, compreendemos está incluso nas responsabilidades de planejamento da(o) professora(or), que por sua vez deve oportunizar formas variadas de contato das crianças com as diversas áreas do conhecimento, não restringindo-se apenas a aquisição da leitura e da escrita.

II.e. O que podemos melhorar no 1º ano

Além do que já foi exposto, a conversa também nos possibilitou ouvir sugestões das crianças de como poderíamos tornar o 1º ano melhor. Fizemos então a seguinte pergunta: *“Você acha que tem algo que podemos fazer para melhorar o 1º ano?”*, as respostas foram diversas e indicam pontos importantes os quais poderiam ser pensados tanto pela escola como pela professora da turma. A seguir as respostas das crianças ao questionamento.

Criança 1: *“Sim, fazer tarefa bem legal. As tarefas já são legais, mas tem gente que fala que a tarefa é chata.”*

Criança 2: *“Não.”*

Criança 3: *“Anham. Só faltam também os brinquedos, os carros e as bonecas para todo mundo se divertir. Falta se divertir.”*

Criança 4: *“Sim, tinha que ter uma separação entre as crianças grandes e as crianças menores. Por que as grandes machucam as pequenas.”*

Criança 5: *“Sim, não ter bagunça.”*

Criança 6: *“Deixar melhor.”*

Desse questionamento gostaríamos de destacar três falas. Inicialmente a resposta da primeira criança quando diz, *“Sim, fazer tarefa bem legal[...]”*, a partir dessa afirmação, do que foi conversado com as demais crianças e o acompanhado na sala de aula, é perceptível que não há variedades nas atividades desenvolvidas no 1º ano, de modo geral as atividades são de cópias com o intuito de apenas exercitar a escrita das crianças, mas sem gerar desafios ou reflexões.

Outra fala que nos chamou atenção foi a da terceira criança quando afirma que, “*Só faltam também os brinquedos, os carros e as bonecas para todo mundo se divertir. Falta se divertir.*”, uma colocação muito pertinente, pois são marcas trazidas da educação infantil, onde as crianças sentiam-se mais livres para brincar e se divertir, mas quem institucionalizou que não pode haver diversão no 1º ano ou na escola? São pontos que devem ser refletidos pela escola e pelas(os) professoras(es), pois chegar ao 1º ano do ensino fundamental não significa deixar de ser criança.

Diante disso, destacamos a fala da autora Kramer (2006, p. 810), quando aponta que “Embora educação infantil e ensino fundamental sejam freqüentemente separados, do ponto de vista da criança não há fragmentação”. Por esse motivo as crianças fazem muitas relações entre as duas etapas e a escola tem o dever de garantir a "integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças", conforme defende a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 53).

Ainda do que diz respeito às sugestões para melhorar o 1º ano destacamos a fala da quarta criança, quando enfatiza com firmeza, “*Sim, tinha que ter uma separação entre as crianças grandes e as crianças menores. Por que as grandes machucam as pequenas.*”, ela faz esse apontamento ao momento do recreio em que todas as crianças desde o 1º ao 5º estão juntas e ela por ter o menor tamanho da turma sente-se insegura.

É um momento de mudança, pois no ano anterior elas eram as maiores crianças da escola e agora precisam adaptar-se à nova situação e isso é muito tratado na educação infantil, estão o tempo inteiro acompanhadas e costumam dar prioridade às crianças menores. Já no ensino fundamental, pelo menos na escola pesquisada, o momento do recreio não é acompanhado pelas(os) professoras(es). E esse é um ponto importante ao qual a escola deve ter atenção, pois as crianças que acabaram de chegar na escola e sentem essa insegurança passam o recreio inteiro sem brincar e tendo em vista que esse é o único momento que elas brincam, a situação torna-se mais difícil.

II.f. O elo entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (do que eu sinto falta)

Como mencionado anteriormente, as crianças não veem a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de forma fragmentada e é muito comum em suas falas relacionam as duas etapas e relembrar os momentos vivenciados na educação infantil. Tendo em vista a

facilidade com que as crianças fazem essas relações, perguntamos: **“O que você fazia na Educação Infantil e não faz no 1º ano, mas sente falta?”**, como era esperado a maioria das respostas se referem ao momento do brincar, como mostra as falas a seguir.

Criança 1: *“É por que antes da professora chegar a gente ficava brincando, aí quando a gente terminava a tarefa a gente brincava.”*

Criança 2: *“Lá a gente cantava.”*

Criança 3: *“Eu sinto saudade... Do parquinho.”*

Criança 4: *“De ajudar.”*

Criança 5: *“Eu não sei.”*

Criança 6: *“Na sala de aula, de brincar.”*

Lamentavelmente, existe uma grande lacuna entre a educação infantil e o ensino fundamental, muitas vezes vistas como etapas opostas e não como uma continuidade. Evidenciamos isso, também, a partir da BNCC (2018) que na parte que discute a etapa do ensino fundamental trata apenas da transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental, mas não traz uma abordagem de como fazer o recebimento dessas crianças.

Por isso é importante destacar que a “educação infantil e ensino fundamental são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso” (KRAMER, 2006, p.20) e de maneira alguma podemos negar isso as crianças que chegam ao ensino fundamental. Ainda como enfatiza a autora,

[...] é preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil e também no ensino fundamental, e que saibamos ver, entender e dialogar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes. (KRAMER, 2006, p.20).

Logo, nós como profissionais atuantes na educação, precisamos enxergar as crianças não apenas como estudantes, mas como pessoas que possuem especificidades que não podem ser ignoradas e uma delas é a importância de viver a infância, aqui entendida como uma fase em si e não uma preparação para algo futuro.

III. O momento coletivo

A entrevista coletiva foi construída com base nas conversas individuais, o intuito era que as crianças pudessem compartilhar juntas suas vivências, o que sentiram e pensam sobre chegar e estar no 1º ano do ensino fundamental.

O momento da entrevista coletiva foi incrível. As crianças se envolveram e participaram de forma efetiva, compartilhando suas experiências até aquele momento. Verificou-se na fala das crianças que esse momento de chegada ao ensino fundamental é muito empolgante, algumas vezes mostraram-se apreensivas, mas de modo geral todas sentiam-se “crianças crescidas” por estarem no 1º ano.

As autoras Barbosa et. al (2012, p. 139,) trazem uma colocação muito pertinente a esse respeito, quando apontam que “Ingressar na escola de ensino fundamental é uma transição, que está vinculada a uma marca, a um ritual; isto é, mostra um crescimento pessoal, um novo modo de participar da sociedade, de ter acesso a um novo tipo de conhecimento, de participar de uma estrutura educacional diferenciada.”, e de fato, as crianças participantes das entrevistas demonstravam, a partir de suas falas, esses sentimentos.

A entrevista coletiva deu-se por meio de uma contação de história com dedoches. Havia dois personagens na história que interpretaram o papel de duas crianças Maria e Juca com idades de 7 e 6 anos, respectivamente, pois as crianças participantes dessa entrevista tinham essa faixa etária e os personagens iriam começar o 1º ano. Sendo assim, a narração foi construída com a intenção de que as crianças compartilhassem aquilo que foi vivido no momento de transição da educação infantil para o ensino fundamental e pudessem contar aos personagens como seria esse momento de passagem a partir de suas próprias experiências.

A narrativa foi elaborada centrada em quatro perguntas, mas dado o momento. a partir da colocação de uma das crianças, uma nova pergunta foi incluída para a discussão e reflexão sobre as vivências desse momento de transição da educação infantil ao ensino fundamental. Na subcategoria a seguir destacaremos as falas das crianças para as perguntas.

III.a. Compartilhando experiências

Conforme foi explicitado, esse momento da entrevista aconteceu por meio de uma contação de história em que as crianças iriam orientar os personagens como é chegar no 1º ano, a partir das experiências das crianças. A primeira pergunta na narrativa dos personagens

foi: *“Como foi para vocês chegarem na escola para estudar no primeiro ano?”*, diferente das respostas individuais as crianças responderam de forma unânime que foi legal, no momento coletivo surgiram colocações como:

—*“Achei estranho, não tinha amigos.”*

—*“Foi difícil!”*

—*“Antes de vir para cá eu fiquei com medo porque pensei que fosse ter prova.”*

Acreditamos que as novas colocações sucederam pelo fato das crianças sentirem-se à vontade em compartilhar vivências com os personagens que tinham algo em comum com elas, a chegada ao ensino fundamental. Diferente da situação em que alguém que eles conheceram como professora perguntar as suas experiências com a escola.

As três falas das crianças demonstram suas inseguranças, o medo diante do novo, do desconhecido. Algo que é normal diante das frequentes mudanças e diferenças entre as duas etapas da educação básica, partindo dos resultados obtidos na pesquisa de campo e na literatura que apontam essa ruptura e separação entre a educação infantil e ensino fundamental.

Dada a situação faz-se necessário que a escola tome por base os documentos que orientam a educação brasileira, como por exemplo a BNCC (2018) e o documento Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão das crianças de seis anos de idade (2006), e desenvolvam estratégias pedagógicas que integrem e articulem as duas etapas, proporcionando às crianças mais segurança e experiências significativas de aprendizagem.

A segunda pergunta feita pelos personagens foi, *“O que vocês fazem na sala de aula?”*, uma questão também havia sido discutida nas entrevistas individuais, mas assim como na pergunta anterior obtivemos outras respostas, uma das crianças respondeu de forma imediata “A gente faz tarefa” e assim seguiu o diálogo:

—*“A atividade é muito difícil!”*

—*“Muito mesmo!”*

—*“Eu não gosto de fazer tarefa de casa.”*

—*“Por que é chata.”*

—*“Não, não é isso não! A gente faz o nome e vai fazendo, fazendo e as nossas mãos ficam cansadas.”*

Aproveitando que as crianças seguiram esse caminho no diálogo foi introduzida a pergunta: “**Mas como são essas atividades?**”, e as crianças seguiram a conversa explicando.

—“*É de escrever.*”

—“*Escrever, escrever e escrever.*”

—“*Eu quero todos os dias sábado.*”

—“*É que ela quer ficar todo final de semana em casa sem aula.*”

A partir dessas falas percebemos que, primeiramente, as crianças não sentem-se atraídas em realizar as atividades, quando falam que é “*difícil*” e posteriormente que é “*chata*” tanto as que são propostas em sala como as que são enviadas para casa. Como já mencionado anteriormente, as atividades realizadas com a turma são, em sua grande maioria, de cópia, como meio de treinar a escrita das crianças e promovidas sem sentido e articulação com a função social da escrita. Por isso que surge tanto a palavra “escrever”, mas não vem seguida do que escrevem, pois nas aulas veem muitas letras e palavras, mas sem nenhuma associação com o que vivem no cotidiano.

Outro ponto que nos chamou atenção nesse momento do diálogo foi a frase enfática de uma das crianças “*Eu quero todos os dias sábado*” e em seguida a explicação dada por outra criança a essa afirmação “*É que ela quer ficar todo final de semana em casa sem aula.*”, a primeira criança associou aquela discussão sobre as atividade no dia de sábado que não precisa ir a escola e a outra de forma rápida explicou a fala da colega. E isso nos fez pensar por que a criança prefere ficar em casa ao invés de ir para escola? A escola não tem oferecido momentos que proporcione prazer as crianças? Percebemos a partir das falas das crianças que o prazer está no parquinho e na hora de brincar, momentos que aconteciam na educação infantil, no ensino fundamental as exigências são e/ou estão além das possibilidades das crianças, de modo que desconsideram suas especificidades. Por isso, demonstram desinteresse ou falta de motivação de estarem na escola.

Ainda no decorrer do diálogo foi questionado, “**Em qual momento vocês brincam?**”, as respostas, assim como nas entrevistas individuais, foram unânimes:

—“*De 9:00 horas.*”

—“*No recreio, na quadra e no pátio. A gente corre muito!*”

—“*E às vezes no final da aula, com blocos e massinhas.*”

—“É às vezes na hora de ir embora, massinha e bloco.”

O momento das brincadeiras se resume ao horário do intervalo e a uma ou duas vezes por semana quando sobra tempo após às atividades, onde as crianças brincam sempre de forma individual, cada uma em sua carteira algo que será comentado posteriormente no /tópico 4.3. Com isso, percebemos que o brincar é visto pela professora como um passatempo ou para ocupar o tempo. Desconsiderando o brincar como possibilitador do desenvolvimento e da aprendizagem.

Durante esse diálogo da entrevista surgiu a colocação do “dever ser um bom aluno”, por isso aproveitando a oportunidade da fala foi perguntado por um dos personagens da história, **“Mas o que é ser um bom aluno no 1º ano?”**, às respostas apontam aquilo que às crianças vivenciam e ouvem diariamente em sala de aula.

—“Você tem que obedecer, ficar quieto.”

—“Desenhar muito bonito.”

—“Fazer as tarefas de casa.”

—“Tem que ficar quieto num canto e responder às perguntas.”

—“Fazer as tarefas de casa direito, não pode esquecer em casa.”

—“E tem que colocar o nome.”

—“Escutar a professora, não pode sair da sala sem a professora falar.”

É perceptível através, das falas das crianças, que a visão de “bom aluno” é sempre relacionado a alguém que deve ficar sempre quieto, que faz todas as atividades e que obedece, essa questão também será discutida posteriormente a partir do instrumento de observação.

No entanto, é preciso enfatizar que esse entendimento de “bom aluno” é adotado de forma majoritária por toda a escola e está frequentemente presente nos discursos das(os) professoras(es). Algo que pode ter sentido para alguém que fosse apenas aluno, mas como já citado anteriormente, faz-se necessário enxergar às crianças com suas particularidades e estabelecer um diálogo com elas não apenas como estudantes, mas acima de tudo como crianças, respeitando as singularidades dessa fase. Logo, as crianças não devem ser vistas como alguém que deve ficar quieto e sentado por pelo menos quatro horas, pelo contrário precisam expressar-se, movimentar-se, construir, criar e viver situações de aprendizagens significativas.

4.2 A percepção da professora sobre esse processo

A pesquisa propôs conhecer e entender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental, a partir da perspectiva da professora titular da turma de 1º ano.

Para obter tais informações foi elaborado um questionário que estava organizado em dois eixos: o primeiro para conhecer o seu perfil e percurso profissional e o segundo para compreender qual o seu entendimento e a visão sobre esse processo de passagem. Desse modo, buscamos conhecer a sua trajetória profissional na área da educação, assim como as vivências com esse público. E com isso, compreender a sua visão e entendimento sobre essas crianças que chegam no 1º ano e quais são suas metodologias e práticas pedagógicas para receber e acompanhar as crianças. A seguir elaboramos um quadro com o intuito de sistematizar os resultados.

Quadro 2 - Categoria e subcategorias relativas à temática: A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: perspectiva da professora do 1º ano.

Tema	Categoria	Subcategoria
A Transição das Crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental	IV. A transição da educação infantil para o ensino fundamental a partir da perspectiva da professora do 1º ano.	IV.a. O perfil profissional e percurso docente IV.b. O momento de passagem na visão da professora

Fonte: A autora (2019)

IV.a. O perfil profissional e percurso docente

A professora Maria, nome fictício para preservar a identidade da mesma, com idade de 60 anos, e com carreira na área da educação há 35 anos, possui vasta experiência no âmbito educacional. A mesma é pedagoga, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, onde concluiu sua graduação no ano de 1983. Possui especialização em Linguagens e Educação, formação oferecida pela Universidade Potiguar - UNP, concluída no ano de 2005. Ainda cursou Pós-Graduação lato sensu em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, realizada no Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, com conclusão no ano de 2009.

Atualmente a professora leciona apenas na escola na qual foi realizada a pesquisa. A mesma chegou na escola em 2008 e durante os 11 (onze) anos, ensinou apenas para turmas de 1º ano. Maria possui experiência profissional também na rede estadual de ensino, pela qual já é aposentada, e também, pela rede privada. Apresenta ampla experiência em coordenação pedagógica, na qual informa ter atuado por 20 (vinte) anos e pôde orientar e promover atividades de planejamento para crianças que frequentavam o 1º ano. Por isso, quando questionada sobre a suas vivências com esse público de ensino a mesma considera o tempo em sala de aula e também de coordenação pedagógica.

Quando questionada se costuma participar de formações continuadas, a resposta foi positiva e afirma que participa anualmente dessas formações. Ainda informou ter participado recentemente de três formações, sendo elas: Cenas de Leitura, Mais Alfabetização e Disciplina Positiva, ambas oferecidas aos professores da rede municipal e estadual de ensino, pelo Centro Municipal de Referência em Educação - CEMURE. No entanto, não pontuou ter participado do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) ou do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), ou seja, programas específicos voltados aos professores de alfabetização

IV.b. O momento de passagem na visão da professora

O segundo eixo do questionário será tratado nesta subcategoria, abordando a visão da professora sobre o momento de passagem da educação infantil para o ensino fundamental, a partir disso relatar quais as metodologias e estratégias adotadas por ela para recepção e acolhimento das crianças nessa nova etapa da educação básica.

Trataremos esse eixo a partir da resposta a 5 (cinco) perguntas feitas a professora sobre a temática em questão. De modo geral, as respostas foram breves e sucintas, o que aparentemente demonstra que para a professora esse processo não é um assunto que apresente complexidade.

A primeira pergunta do segundo eixo do questionário foi, *“como é feita a recepção das crianças no início do ano?”*

Professora: *“No momento do Planejamento do início do ano letivo a Coordenação informa o perfil da turma que vou receber, converso com a professora da Educação Infantil, isto é, do*

ano anterior de onde as crianças estão vindo, tenho acesso aos relatórios do ano anterior e faço meu planejamento baseado nas necessidades da turma. No primeiro dia de aula acolho os alunos e as famílias em sala de aula para as conversas preliminares e vou acompanhando o grupo durante o período da adaptação.”

A partir dessa fala percebemos que há uma linha de organização e comunicação entre às professoras das duas etapas de ensino da educação básica, tendo em vista que a escola oferece às duas etapas da educação básica, algo que deveria facilitar a comunicação, esse contato é feito apenas na semana que antecede às aulas, chamado de semana pedagógica, que em um dos dias possibilita o contato entre professores dos três turnos. No entanto, o nível IV, o qual antecede o 1º ano do ensino fundamental é ofertado a tarde, apontando um distanciamento entre as professoras e quais sejam as estratégias traçadas para essa aproximação.

Outro ponto importante a destacar em sua fala, é que a mesma afirma ter acesso aos relatórios e conversa com a professora da educação infantil, mas é preciso levar em consideração que o público atendido no 1º ano não são crianças apenas que já estudavam na escola pesquisada, mas vêm dos mais diversos contextos, apontando assim uma necessidade de conhecer essas crianças novatas na escola. Pois, dessas em específico, a professora não tem acesso a relatórios ou a conversas com a professora da educação infantil.

Ainda é importante destacar que a professora do 1º ano tenta estabelecer uma aproximação com as famílias no primeiro dia de aula. No entanto, outras estratégias seriam importantes, como por exemplo, entrevistas com os pais/responsáveis antes do início das aulas, ou até mesmo um questionário para obter informações sobre as crianças com o intuito de contribuir com o processo de adaptação no ensino fundamental, assim como o próprio processo de desenvolvimento. Dessa forma, tornando às famílias aliados fundamentais desse processo..

Seguindo o questionário a professora respondeu a pergunta, *“A professora faz um diagnóstico da turma para conhecer o perfil das crianças? Como ocorre esse processo?”*

Professora: *“Faço um levantamento através da observação dos resultados que as crianças vão apresentando, conforme a orientação das formações que participo, faço o diagnóstico através de uma ficha que preencho para identificar o nível de aprendizagem dos alunos, a qual apresento a equipe pedagógica da escola e encaminho para a formadora do curso que participo e durante o ano letivo os alunos são avaliados através de um material encaminhado pela Secretaria Municipal de Educação, esse ano ainda vamos aplicar esse material.”*

Através da resposta obtida e também do que foi observado durante o momento da pesquisa, a professora demonstra uma enorme preocupação com os resultados do processo de aprendizagem, nesse sentido o ponto mais importante para ela é que às crianças aprendam a ler e escrever e possam participar da avaliação proposta pela Secretaria Municipal de Educação e obtenham êxito.

A aquisição da leitura e da escrita, como já discutido nesse texto, é algo de extrema importância e necessidade, pois é através da leitura e da escrita que os sujeitos passam a integrar e participar da cultura letrada. O questionamento que nos põe a refletir é como tem sido efetivado esse processo na escola, se existe uma preocupação de como está sendo realizado esse processo de ensino e, principalmente, se há um cuidado na formação integral das crianças como meio de garantir todos os seus direitos assegurados por lei. E mediante ao que foi respondido e principalmente da observação, o grande empenho da professora é que às crianças saibam ler e escrever quando forem para o segundo ano. No entanto, não demonstra preocupação do que se entende pela aprendizagem da leitura e da escrita. Como se fosse apenas uma técnica em que basta aprender as letras para que haja compreensão.

A terceira pergunta proposta no nosso questionário diz respeito ao planejamento e ao desenvolvimento do trabalho pedagógico com a turma do 1º ano, por isso foi questionado, *“É feito o planejamento para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com a turma no primeiro mês letivo?”*

Professora: *“Sim. Pois temos na escola o Planejamento Semanal, acompanhado pela Coordenadora e a Diretora Pedagógica.”*

De forma muito sucinta obtivemos essa resposta. De fato, a professora tem um dia por semana para o planejamento das atividades semanais, no dia reservado para o planejamento a coordenadora pedagógica repassa a programação prevista para a semana ou mês letivo, se for caso de ter alguma comemoração, como no mês de Abril que a escola promoveu a festa da páscoa.

Percebemos que a pergunta feita anteriormente poderíamos ter pedido para que detalhasse como ocorria esse planejamento. No entanto, no acompanhamento da pesquisa não foi presenciado um planejamento, com a coordenação e gestão pedagógica como mencionado na fala da professora, voltado especificamente para às atividades pedagógicas desenvolvidas

diariamente com a turma do 1º ano, assim como não foi presenciado um retorno daquilo que vem sendo trabalhado em sala.

No entanto, a professora levava todos os dias, pelo menos, três atividades, distribuídas para o primeiro horário da aula, para o segundo horário que ocorria depois do intervalo e a atividade para casa, todas em folha impressa. Assunto também tratado nesta monografia, a respeito da ausência de atividades que realmente desafiem e trabalhe o potencial das crianças.

Dando continuidade ao questionário foi feita a pergunta central da pesquisa, *“Como a professora enxerga a criança nesse processo de transição para o Ensino Fundamental? Pode descrever?”*

Professora: *“Enxergo com total normalidade, procuro observar e diagnosticar cada criança da forma como ela se apresenta e vou realizando as devidas intervenções de acordo com as necessidades que cada uma vai apresentando.”*

A resposta da professora a essa pergunta, nos gerou muita inquietude e nos fez refletir o quanto deixamos de ouvir às crianças em um assunto que total lhes diz respeito que é o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Se por um lado temos as falas das crianças que apontam lacunas e desejos em relação ao 1º ano, do outro temos uma professora que percebe o trabalho desenvolvido como algo que está sendo conduzido de forma correta e eficaz, desconsiderando aquilo que às crianças sentem e apontam como necessidade. Ou seja, demonstrado como "total normalidade", o que foge às singularidades próprias do momento..

Outro ponto importante a destacar é falta de complexidade que a professora percebe desse momento. Levando em consideração também às conversas informais durante a pesquisa, a professora aponta em seu discurso que às crianças que chegam ao 1º ano precisam, prioritariamente, aprender a ler e escrever, que é de fato importante, mas o fato é como isso é feito e se realmente as crianças estão sendo alfabetizadas. Em sua fala quando a mesma afirma que realiza *“[...] as devidas intervenções de acordo com as necessidades que cada uma vai apresentando”*, está se referindo ao que a criança demonstra ter aprendido ou não, refere-se aos conteúdos ensinados a turma. Mais uma vez destacamos a importância dessa aprendizagem, no entanto, enfatizamos também a que custo.

Por fim, a última pergunta do questionário foi, *“Há uma proposta da escola para adaptação das crianças? O que ela orienta?”*

Professora: *“Como existe uma orientação normativa da Secretaria de Educação, através do PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA, procuro me adequar às*

exigências que são propostas nesse documento... Também através das orientações contidas no PPP – Projeto Político Pedagógico da Escola.”

Sem dúvida, os documentos citados abordam temáticas necessárias ao 1º ano do ensino fundamental. No entanto, pontos mencionados na fala da professora tem pouca concretude na prática.

Por outro lado, a pergunta se remetia ao processo de adaptação e não a proposta para alfabetizar. Dessa maneira, a questão deixou de ser respondida, seja por incompreensão, seja pela inexistência de uma proposta específica para essa fase. Enfatizamos aqui, de acordo com os documentos já mencionados no capítulo anterior, a importância de que sejam estratégias elaboradas pela escola para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com às crianças que acabam de chegar ao ensino fundamental.

Pensar a chegada das crianças está além da aquisição da leitura e da escrita, como aponta Paiva (2018), “Quando o aluno chega, aos seis anos, no 1º ano do EF, ele ainda é uma criança e precisa de acolhimento, afeto, atenção, cuidados físicos, ajuda e suporte. Porque ele passará por um tumultuado período de mudança marcado pela descontinuidade, não-linearidade e complexidade da experiência humana”. E as(os) professoras(es) precisam adotar um olhar mais sensível para esse processo, tendo em vista ajudar às crianças diante de tantas mudanças.

4.3 O que foi observado na pesquisa de campo

Como estratégia para explicitar o que foi observado durante a pesquisa de campo, construímos uma tabela composta por uma categoria que trata justamente a transição da educação infantil para o ensino fundamental, a partir de um instrumento de observação, dividida em três subcategorias, apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 3 - Categoria e subcategorias relativas à temática: A transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental: a partir de um instrumento de observação

Tema	Categoria	Subcategorias
A Transição das Crianças da	V. A transição da educação infantil para o ensino	V.a. Descrição do ambiente; V.b. A Rotina da turma e o

Educação Infantil para o Ensino Fundamental	fundamental a partir de um instrumento de observação	trabalho pedagógico; V.c. As relações humanas.
---	--	---

Fonte: A autora (2019)

V. A transição da educação infantil para o ensino fundamental a partir de um instrumento de observação

Durante o período de observação da turma, foi utilizado um instrumento de observação com o intuito de analisar com mais atenção os seguintes aspectos divididos em três subcategorias: a descrição do ambiente, ou seja, perceber a relação da criança e a infraestrutura da sala de aula; a rotina da turma e o trabalho pedagógico, com isso, identificar como era a chegada das crianças na sala de aula, como as atividades eram realizadas ao longo da manhã com a intenção de perceber quais seus objetivos e no horário do recreio como as crianças organizavam-se nesse momento e no que diz respeito ao trabalho pedagógico, discutiremos, os materiais didáticos utilizados pela professora para realizar as atividades com as crianças; as relações humanas, neste caso, as relações criança/criança e a relação das crianças com a professora.

A seguir trataremos cada subcategoria apontando os momentos vividos na sala de aula e na escola, de modo que permita-nos refletir sobre o processo de passagem entre a educação Infantil e o ensino fundamental.

V.a. Descrição do ambiente

Essa subcategoria tem como objetivo tratar sobre a logística do ambiente, como às crianças se organizaram durante às aulas e como a professora mediava esses momentos.

A sala de aula conta com cadeiras suficientes para todas crianças e a organização dava-se de três maneiras, a situação mais comum era que as crianças sentassem em fila indiana, uma atrás da outra, sempre intercalando, uma fileira para meninos e outra para meninas. Outras vezes as carteiras ficavam em formato de "U", também havia separação entre meninas e meninos, sentados sempre de lados opostos. E de maneira menos frequente, as crianças sentavam em duplas e não diferente dos outros dias, também eram separadas por sexo. Vale ressaltar, também, que essa separação não deu-se de forma espontânea pelas

crianças, mas sim pela professora, que desde o primeiro dia de aula, condicionou às crianças a essa tipo de organização. Assim como não havia nenhum critério para a organização da sala.

Nas paredes ficam fixados alguns cartazes, como por exemplo, os dos aniversariantes do mês, das palavras mágicas, do tempo contendo as palavras nublado, sol e chuva, do ajudante do dia, um cartaz com números para representar o cantinho que seria exposto às atividades das crianças, e outro com o nome cantinho da leitura, destinado à exposição das atividades de leitura e escrita, mas que não acontecia leituras nesse cantinho. Todos foram feitos previamente pela professora sem a participação das crianças. Outro acontecimento que nos chamou atenção era que todos os cartazes estavam colados muito acima da altura das crianças e quando perguntado o porquê de estar em um lugar tão alto, a justificativa foi: *“assim às crianças não estragam”*. A maioria deles sequer foram utilizados durante o tempo da pesquisa.

Para a professora Maria a organização da sala e das crianças era algo fundamental e ao longo manhã fazia várias intervenções para que as crianças permanecessem sempre sentadas ou ficava sempre atenta se as pernas das crianças estavam embaixo da carteira, caso não estivessem já vinha a frase *“Ahhhh, (nome do aluno) não tá legal. Coloca as pernas para debaixo da cadeira.”*, uma das frases mais utilizadas durante a manhã e que gerava muito incômodo.

A partir das posturas adotadas pela professora podemos destacar pelo menos três pontos: o seu empenho em fazer a separação entre às crianças, situações que não proporcionam convívio mais próximo entre todos, não oportuniza às diversas trocas de conhecimentos e experiências, e por fim o controle do corpo das crianças, privando-as de qualquer movimento, pois só o fato da perna não está embaixo da cadeira já era motivo para chamar atenção das crianças. Tais posturas apontam um desconhecimento dos aspectos relacionados ao desenvolvimento integral das crianças.

Com base nisso trouxemos a fala de Nascimento (2006), quando afirma que

As crianças possuem modos próprios de compreender e interagir com o mundo. A nós, professores, cabe favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempos de ser criança dentro e fora da escola. (NASCIMENTO, 2006, apud SOUZA, 2011, p. 24).

Essa afirmação faz-nos refletir sobre a importância do papel da(o) professora(o) e como são mediados esses momentos com as crianças. Ainda destacamos a necessidade de enxergar às crianças como sujeitos com direitos de viver a infância de forma plena em todos os ambientes de convivência.

V.b. A Rotina da turma e o trabalho pedagógico

Nesta seção falaremos sobre a rotina da turma relacionando com o trabalho pedagógico desenvolvido ao longo da pesquisa, explicitando como era a rotina do 1º ano, como às crianças reagiram, a mediação da professora para esses momentos, assim como falaremos também sobre os materiais didáticos utilizados pela professora e às atividades feitas com às crianças. Com o intuito de sistematizar o texto, falaremos inicialmente do primeiro dia das crianças na escola e no 1º ano. Trataremos também da rotina da turma, das atividades desenvolvidas com às crianças e os materiais pedagógicos utilizados.

O primeiro dia de aula no 1º ano ocorreu, aparentemente, de forma muito tranquila. Às crianças que estavam naquela escola pela primeira vez, mostravam-se curiosas. Inicialmente a professora se apresentou e pediu para que todas se apresentassem também, as crianças falaram seus nomes e idades. Em seguida foi o momento de conhecer os ambientes da escola, a professora pediu para que as crianças fizessem duas filas, uma de meninos e outra de meninas e dessa maneira elas foram levadas a quadra, ao refeitório, a sala dos professores, ao pátio, aos banheiros e ao bebedouro.

Ao retorno para sala a professora entregou a cada criança um papel que tinha escrito o seu primeiro nome. E fez a apresentação dos cartazes fixados nas paredes, os quais foram mencionados anteriormente. Em seguida a professora cantou três músicas com as crianças e leu uma história. A atividade do primeiro dia foi um desenho impresso que as crianças deveriam colorir. Por fim, quase no horário da saída cada criança recebeu um pote com peças de lego e brincaram de forma individual em suas carteiras. Nos primeiros dias foi muito comum ouvir as crianças perguntarem “*o que a gente vai fazer agora?*”, “*quando é que a gente vai brincar?*” e “*quando a gente vai pra casa?*”. Com o passar dos dias e às adaptações as crianças foram acostumando-se as configurações da escola e a rotina. O que

demonstra que não houve um planejamento específico visando o momento de transição para o 1º ano do ensino fundamental.

A turma seguia rigorosamente a rotina, ocorrendo sempre nessa ordem: na chegada às crianças faziam uma oração inicial, cantavam três músicas (sempre as mesmas), ouviam uma história, neste momento não podia haver comentários ou participação das crianças, era literalmente ouvir, somente ao final respondiam se haviam gostado ou não. E seguiam para a primeira atividade que na maioria das vezes tratava-se das letras do alfabeto, as crianças recebiam a atividade impressa e a professora depois escrevia as letras no quadro para corrigir. A primeira atividade sempre ocupava a maior parte da manhã e as crianças só conseguiam concluir próximo ao momento do recreio ou quando voltavam.

Antes de irem para o recreio as crianças tinham que organizar os materiais e assim que o fizessem deveriam ficar em pé por trás da sua carteira e em silêncio, quando todos terminassem faziam uma oração e seguiam em duas filas de meninas e meninos para o refeitório. A professora ficava com elas até receberem o lanche e depois ia para a sala dos professores e às crianças podiam brincar após lancharem. No momento do recreio, após o lanche às crianças permaneciam juntas, na maioria das vezes em duplas, e não interagiam muito com as crianças maiores, o que pode ser explicado pela fala de uma das criança quando remete-se a separação das crianças grandes na hora do recreio. As crianças do 1º ano, de modo geral, só interagem com outras crianças quando têm parentes ou conhecidos de outras turmas.

No retorno do recreio as crianças tinham o momento do repouso que consistia em passar de 10 a 15 minutos com a cabeça sobre a carteira, de olhos fechados sem fazer movimentos ou falar com alguém, com o fundo musical lento e luzes apagadas. Depois disso às crianças faziam uma segunda atividade um pouco mais curta, e era explicado como fazer as atividade de casa, pois todos os dias, sem exceção, as crianças recebiam uma atividade impressa para fazer em casa. Findando esses momentos a professora fazia a terceira oração do dia e as crianças esperavam os pais/responsáveis virem buscá-las em sala.

De modo geral, a manhã era totalmente preenchida pelas atividades de cópia, escrita e pintura e o tempo para o brincar era muito raro. Acontecia uma ou no máximo duas vezes por semana, e esse momento era sempre dentro da sala de aula, sentadas na cadeiras e de forma individual, cada uma com sua massinha ou peças de lego, sem poder compartilhar suas

invenções ou criações e se o fizessem estava sob o risco de perderem esse momento de brincar, como fica claro nas entrevistas o momento de brincar é no recreio.

Outro ponto importante que foi observado sobre as atividades e merece destaque, é a pouca variedade de contato das crianças com a leitura e a escrita que dá-se prioritariamente por meio das atividades impressas destinadas a cópia. Pelo menos nos dias da pesquisa não foi utilizado outro método, elas são privadas do contato com os diversos gêneros textuais, por exemplo.

Ainda, gostaríamos de destacar que durante a pesquisa foi realizada apenas uma atividade de recorte e colagem, algo que não ocorreu de forma prática. Para o desenvolvimento dessa atividade a professora saiu distribuindo mesa a mesa, um material de cada vez, primeiro um pincel, depois uma tampinha de garrafa e por último colocou cola em cada tampinha, às crianças não tocaram no material antes que a professora autorizasse, o que só aconteceu depois que todos receberam e também não podiam usar o dedo para espalhar a cola, sujeitos a um repreensão. O que demonstra ser um modelo disciplinador, que não oportuniza às crianças experimentarem ou promovam sua autonomia.

Além dos pontos já mencionados sobre as atividades, algo que nos chamou muita atenção e visto como uma situação bastante negativa é que todos as atividades, sem exceção, são realizadas de forma individual, não há troca de saberes e conhecimentos entre às crianças, como trata a autora Santos (2018, p. 150), quando enfatiza que, “Para aprender a correr, pular, brincar, cantar, ouvir histórias, ler, escrever, calcular, seriar e realizar qualquer outra atividade de forma significativa, funcional, contextualizada, as crianças necessitam do outro.” Esse outro pode ser um adulto, mas pode também ser seu colega de sala. A autora Elizabeth Tunes (2011, p. 9), baseada no pensamento de Vygostky, também afirma que “a aprendizagem tem um caráter social, isto é, aprende-se com o outro”, diante dessas falas não podemos negar a importância dessa interação e trocas de experiências.

A partir do que foi exposto nesta seção destacamos a fala das autoras Barbosa e Craidy, que traz uma reflexão sobre a construção humana da criança e o papel da escola nesse processo.

“[...] as crianças são atores sociais, que através das interações sociais, produzem culturas. As crianças assimilam, mas também interferem no mundo em que vivem. Para uma criança tornar-se humana é preciso tempo, é preciso estar junto, é preciso brincar, e muitas outras coisas que nosso modelo de escola de ensino fundamental nega, na medida em que apenas

investe nos conteúdos de ensino. Atuamos em nossas escolas com alunos, não com crianças.” (BARBOSA; CRAIDY, 2012, p. 33).

Portanto, compreendemos que, de fato, o modelo de escola do ensino fundamental como está configurado atualmente, não proporciona, de forma integral, os meios para o desenvolvimento completo das crianças. Preocupam-se em ensinar conteúdos, mas não em oportunizar aprendizagens significativas de acordo com as necessidades das crianças.

Ou seja, a escola e professoras(es) enxergam às crianças apenas como alunos e não como crianças que possuem suas especificidades que precisam ser consideradas. É verdadeiramente passar a enxergar às crianças como crianças e a escola tem esse dever de ser um lugar que acolha e garanta o direito da criança ser e viver como criança, como enfatiza a autora Luciana Ostetto (2009, p. 10), “[...] compreender que a escola é lugar de acolher a vivência do direito de ser criança”.

V.c. Relações humanas

O instrumento de observação ainda teve como um dos pontos a serem notados as relações humanas estabelecidas na turma, tanto professora e criança, como também as relações criança e criança. Nesse sentido buscamos ter um olhar mais atento para os laços de afeto criados na sala de aula.

De modo geral a professora relacionava-se muito bem com todas às crianças, era dada a abraços no momento da chegada e da saída e, aparentemente, não demonstrava favoritismo por uma criança específica, mas seus olhos e sorrisos não negavam o orgulho das crianças que já estavam mais avançadas na aquisição da leitura e da escrita. Ela costumava ouvir as crianças com atenção e procurava ajudá-las quando apresentavam dificuldades nas tarefas.

A turma, na maior parte do tempo, estava sentada e conversavam pouco, levando em consideração a energia de crianças dessa faixa etária. Elas relacionavam-se muito bem e durante a pesquisa não foi presenciado momentos de agressão por parte das crianças. Pelo contrário, era uma turma muito unida, emprestavam materiais como lápis, borracha e coleção, embora a professora não permitisse e chamasse atenção delas, sempre pontuando “*cada criança deve ter o seu material e cuidar dele*”, e orientava que quem não possuísse o material deveriam pedir exclusivamente a ela, evidenciando uma postura individualista.

De um modo geral às crianças fizeram amizade muito rápido, entre um momento e outro quando os olhos da professora não estava observando trocavam figurinhas e combinavam do que brincariam no intervalo, como se a comunicação em sala de aula fosse algo proibido. Ou seja, as crianças subvertem a ordem estabelecida e, mesmo sem “autorização” interagem umas com as outras.

Uma das situações que às crianças demonstraram solidariedade umas com às outras, foi quando uma criança da turma, no horário do recreio, chorou querendo ir para casa e às demais levaram a criança que chorava até a sala das(os) Professoras(es), e a professora da turma por sua vez acalmou a criança, conversou, explicou que daqui a pouco era hora de ir para casa. Essa foi uma das situações que nos impactou de forma positiva. Às crianças preocuparam-se a ponto de levar a criança que chorava e depois perguntaram se estava tudo bem e diziam palavras para com a intenção de tranquilizá-la. Tal atitude pode significar que as crianças têm um comportamento aberto ao outro, as diferenças, sendo o adulto, no caso, a escola e a professora, que a submete a outro tipo de comportamento.

Ainda sobre os laços de afeto que foram criados pela turma, um ponto importante que precisa ser tratado aqui nesta seção diz respeito a divisão da turma. Devido a quantidade de alunos matriculados, a Secretaria Municipal de Educação (SME) autorizou a escola que a turma fosse dividida, tornando-se 1º ano A e B. Inicialmente, gerou estranheza nas crianças por que já estavam a mais de um mês tendo aula juntas. Mas a escola como meio de diminuir esses impactos permitiu que as duas professoras passassem tempo com a turma antes da separação.

Assim como a professora Maria, que estava com às crianças desde o primeiro dia de aula, procurou em conjunto com a professora que assumiu o 1º ano B, fazer a divisão de modo que às crianças que já tinham estabelecido vínculos mais fortes permanecessem juntas. Uma estratégia que ajudou bastante, no entanto, às crianças sentiram falta uma das outras, mas o acordo das professoras com as crianças era “*no recreio vocês podem brincar juntas*”. E assim acontecia, no recreio elas estavam sempre brincando juntas.

Portanto, a partir dessas experiências podemos reafirmar a importância do estabelecimento dos vínculos afetivos e dos laços de amizade, assim com nos esclarece Dias (2014, p. 135) que “As crianças, por meio das relações oportunizadas pela convivência diária, vão construindo relações, agrupando-se por afinidades, criando e recriando comportamentos.”. Com base nessa afirmação e nas situações observadas durante a pesquisa

de campo, podemos evidenciar que as relações estabelecidas pelas crianças são meios de apoio e adaptação às novas experiências escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho que buscou compreender como ocorre o processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental, nos possibilitou acompanhar uma turma de 1º ano com, inicialmente, 39 crianças e após a divisão da turma, continuamos acompanhando 25 crianças. Essa experiência de pesquisa nos permitiu conhecer de perto esse processo, às mudanças, as rupturas e os desafios enfrentados diariamente pelas crianças e pela professora.

Durante o percurso da pesquisa, desde o planejamento do projeto, os estudos da metodologia adotada, os referenciais lidos, até a prática de chegar a sala de aula, acompanhar às crianças e ouvi-las, foi um caminho de grandes aprendizados, descobertas e inquietações que nos fazem refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem nas escolas, às práticas pedagógicas adotadas pelas(os) docentes, a estruturação do currículo e o que acontece, realmente, no cotidiano das escolas, das salas de aulas. Nos fazem pensar, também, como as crianças são vistas, como é percebido a infância pelas(os) professoras(es).

Acompanhar a turma de 1º ano, conviver diariamente durante dos dois primeiros meses letivos de 2019, presenciar o trabalho pedagógico desenvolvido em sala com às crianças, nos gerou muitos questionamentos, por que a escola ainda segue a metodologia de enfileirar às cadeiras? Por que fazer uma separação entre meninas e meninos? Por que adotar práticas de alfabetização mecanicista, não levando em consideração o letramento? Por que às crianças não podem aprender e ao mesmo tempo continuar sendo crianças, brincando, usando a imaginação, criando? Por que submetê-las a um padrão de “bom aluno” que não valoriza as suas identidades e especificidades? Por que ficar contidas em cadeiras a manhã inteira, privando seus corpos de movimentos, em vista de manter um ambiente organizado? Por que as crianças precisam passar a aula inteira copiando letras que para elas, naquele momento, não apresentam sentido? Por que não ouvi-las ?

Diante do que foi discutido ao longo dessa monografia, vivenciado na pesquisa de campo, assim como o que foi conversado e aprendido na academia, nas tantas disciplinas cursadas ao longo dos 5 (cinco) anos do curso de pedagogia, podemos afirmar que sempre é um grande desafio tratar dos processos de educação, fazer articulação daquilo que é visto nas teorias e devem ser colocados em prática na escola, pois não há prática sem teorias e nem teoria sem a prática, ambas caminham na mesma direção.

No entanto, ainda é muito comum ouvir a frase, *“Na universidade é uma coisa, mas aqui no chão da escola é outra”*, fala utilizada pela professora do 1º ano, para justificar o seu método de alfabetizar as crianças, sempre por meio das famílias silábicas sem nenhuma contextualização, e ainda afirmar *“Eu sei das teorias que a gente aprende na UFRN, mas aqui tem dado certo assim, então eu faço!”*, o que nos fez pensar, qual o sentido é atribuído ao *“tem dado certo”*? Por que de acordo com o que foi percebido com a pesquisa é que muitas necessidades das crianças, enquanto sujeitos de direitos foram ignoradas, como por exemplo, o direito de brincar, de interagir e de ter contato um contato social com a língua escrita.

Acreditamos que ainda há um longo percurso de estudos a serem traçados a respeito do processo de transição das crianças da educação infantil para o ensino fundamental. Pensamos que é um assunto a ser discutido e tratado com mais seriedade e complexidade pela escola e pelas(os) professoras(es), com o intuito de proporcionar às crianças melhores condições de aprendizagem, valorizando suas infâncias e a formação completa das crianças. Permitindo-às terem vozes ativas em seus processos de aprendizagem. É permitir que as crianças sejam alunos, que seguem às determinações da escola, mas sem deixar de serem vistas também como crianças, é não reprimir e não podar sua essência.

Sendo assim, trazemos as falas de Moreno e Paschoal (2009, p. 41), quando afirmam,

A infância que desejamos para nossas crianças é uma infância de direitos: direito a uma qualidade de vida melhor, direito de pertencer a uma família, direito de ter moradia e alimentação, direito de receber uma educação de qualidade desde o nascimento, enfim, direito de viver plenamente a infância. (MORENO e PASCHOAL, 2009, p. 41)

É com esse entendimento e desejo que encerramos esta monografia. No entanto, continuaremos na luta para a concretude desse desejo, sabendo que a docência nos permitirá trilhar caminhos que aproximem, cada vez mais, às crianças de oportunidades de aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonçalves. O Significado da Infância. **Anais** [...] do Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira ... [et al.]. **A infância no Ensino Fundamental de 9 anos**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**, de 05/10/1988. Presidência da República: Senado Federal, 1988.
- _____. Lei 9.394/1996, de 20 de Dezembro de 1996.
- _____. Lei 11.274/2006, de 06 de fevereiro de 2006.
- _____. Lei 12.796/2013 de 04 de abril de 2013.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF. 2018. Versão Final.
- _____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF. 2010.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Referencial Curricular para a Educação Infantil: Introdução**. Brasília, DF: MEC/SEF.
- _____. Ministério da Educação (2004a). **Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos: 1º relatório do programa**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica.
- _____. Ministério da Educação (2006). Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de Nove Anos: orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade**. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica.
- _____. Ministério da Educação. Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. **Práticas cotidianas na Educação Infantil – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares**. Brasília: MEC/SEB/UFRS, 2009.
- _____. Secretaria Municipal de Educação do Natal. **Referenciais Curriculares Municipais para a Educação Infantil de Natal - RN**. Natal, RN. 2018.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira ... [et. al.]. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FARIA, V. L. B. de. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da proposta pedagógica**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2012. (Educação em Ação).

FORMOSINHO, Júlia Oliveira ... [et al.]. **A escola vista pelas crianças**. Portugal: Porto, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. **Anais [...]** do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas. **Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental**. São Paulo : EPU, 1996, p. 35-44.

MARTINATI, A. Z. **Faz de conta que eu cresci**: o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental. Dissertação de Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, 233 f, 2012.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança**: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPED. In MARTINS FILHO, Altino José; PRADO, Patrícia Dias. Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MORENO, Gilmar Lupion; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **A Criança de Seis anos no Ensino Fundamental**: Considerações Iniciais. In: BRANDÃO, Carlos da Fonseca; PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Orgs.). Ensino fundamental de nove anos: teoria e prática na sala de aula. São Paulo: Avercamp, 2009.

MOTTA, F. M. N. **De crianças a alunos**: a transição da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

NEVES, V. F. A. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental**: um estudo de caso em Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Apresentação. In: PILLOTTO, Silvia S. P.; PEREIRA, Leila T. C.; ROPELATO, Carla C. da S. (Orgs.). **Uma educação pela infância**: diálogo com o currículo do 1º ano do ensino fundamental. Joinville: Editora Univille, 2009.

PAIVA, Maria Cristina Leandro de. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa mobiliza mais de 500 educadores do município**. Prefeitura do Natal, 2018. Disponível em: <http://www.natal.rn.gov.br/noticia/ntc-27913.html>. Acesso em: 06 Nov. 2019.

PULINO, Lucia H. C. Z; QUEIROZ, Norma L. N. Da educação infantil ao ensino fundamental: construindo um processo de transição compartilhada. **Revista Com Censo**, v. 5, n. 2, maio 2018. p. 63-71.

RIBEIRO, E. C. **Proposta Curricular da rede municipal de Juiz de Fora**: um olhar para a transição da educação infantil ao ensino fundamental. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora Minas Gerais. 2014.

ROCHA, M. S. P. M. L. da, Martinati, A. Z. “Faz de conta que as crianças já cresceram”: o processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 19, n. 2, maio/agosto 2015. p. 309-319.

SANTOS, Amanda Cabral. **A Psicomotricidade enquanto norteadora da práxis pedagógica na Educação Infantil**. Revista Com Censo, v. 5, n. 2, maio 2018. P 146-151.

SILVA, Lezi Aparecida da. **Matemática na escola**: narrativas de professoras sobre o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016.

SOUZA, Bárbara Sabrina de. **As práticas de leitura e escrita**: a transição da educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

TUNES, Elizabeth. É necessária a crítica radical à escola? In: TUNES, Elizabeth (org.). **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011, p. 9-12.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PROJETO DE PESQUISA: A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL EM UM ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NA CIDADE DO NATAL/RN

INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

Local: Escola pública municipal na cidade do Natal/RN

Público alvo: Turma do 1º ano do Ensino Fundamental

Período: 14/03 à 17/05

Horário: 07:00 às 11:20

1. Descrição do ambiente

- A criança e a infraestrutura da sala de aula;

2. Trabalho pedagógico

- O material (quais materiais didáticos são utilizados em sala nas atividades com as crianças);

3. A Rotina da turma

- Chegada; (como acontece; como as crianças agem; como a professora faz a mediação desse momento);
- atividades realizadas ao longo da manhã; (perceber quais objetivos);
- Recreio (como as crianças se organizam no intervalo; o que demonstram nesse momento);

4. Relações humanas/interações

- As relações entre as crianças;
- Relação da criança com a professora;

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO 1º ANO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PESQUISA DE CAMPO

TEMA: A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL NA CIDADE DO NATAL

QUESTIONÁRIO - PROFESSORA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DADOS DO PERFIL

Nome completo:

Qual a sua formação inicial?

Qual foi o ano que concluiu a sua formação inicial ?

Em qual instituição de ensino?

Possui especialização? Se sim, qual?

Qual foi o ano que concluiu a sua especialização ?

Em qual instituição de ensino?

Em quais escolas leciona?

Há quanto tempo ensina na escola Municipal Professor Ulisses de Góis?

Há quanto tempo atua no ensino das crianças do 1º ano de ensino fundamental?

Costuma participar de formações continuadas para professores? Com que frequência? Cite algumas.

SOBRE O TEMA DA PESQUISA

Como é feita a recepção das crianças no início do ano?

A professora faz um diagnóstico da turma para conhecer o perfil das crianças? Como ocorre esse processo?

É feito o planejamento para o desenvolvimento do trabalho pedagógico com a turma no primeiro mês letivo?

Como a professora enxerga a criança nesse processo de transição para o Ensino Fundamental? Pode descrever?

Há uma proposta da escola para adaptação das crianças? O que ela orienta? (Se tiver, pedir para conhecer)

APÊNDICE C - ENTREVISTA INDIVIDUAL E COLETIVA COM AS CRIANÇAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Pesquisa de campo: A TRANSIÇÃO DAS CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DA CIDADE DO NATAL/RN

Entrevista Individual - crianças

- 1) O que você fazia quando estava na Educação Infantil (escola/CMEI/creche)?
- 2) O que você mais gostava de fazer quando estava na Educação Infantil?
- 3) Como foi para você começar o 1º ano?
- 4) O que você mais gosta no 1º ano?
- 5) Como são as tarefas que você faz no 1º ano?
- 6) Em qual momento você brinca no 1º ano?
- 7) O que você espera/gostaria de aprender no 1º ano?
- 8) Você acha que tem algo que podemos fazer para melhorar o 1º ano?
- 9) O que você fazia na Educação Infantil e não faz no 1º ano, mas sente falta?

Entrevista coletiva

Materiais:

2 Dedoches;

1 caixa com cenário de escola;

Celular para gravar vídeo/áudio;

Metodologia:

A história será contada pela narradora e duas personagens:

Juca - o menino de 6 anos, que veio de outra escola e não conhecia ninguém, a escola era um ambiente totalmente novo.

Ana - a menina de 7 anos, que já estudava na escola e estava curiosa para saber como seria o 1º ano.

História:

Narração - Introdução

Hoje eu trouxe duas crianças para conversar algo com vocês. Elas têm algumas dúvidas e acham que vocês podem ajudar. Acho que elas têm a mesma idade que vocês! Quantos anos você tem? (fazer essa pergunta as crianças). Sabe o que elas têm parecido com vocês também? (esperar a resposta das crianças) As duas fazem o 1º ano! Esse é Juca, ele estudava na creche e estava um pouco preocupado como seria estudar no primeiro ano nessa nova escola. E essa é a Ana, uma menina muito esperta que já conhecia a escola que ia começar o 1º ano, por que quando era pequena já estudava lá e conhecia muitos amiguinhos (apresentação do personagem). E eles querem conversar com vocês para saber algumas coisas já que vocês estão no 1º ano e saberão responder. Vocês acham que podem ajudar a eles? Então, agora vamos ouvir o que eles têm para nos contar hoje?

Juca: “Oi crianças, meu nome é Juca e eu tenho seis anos. Hoje vai ser o meu primeiro dia de aula no 1º ano. Estou nervoso e um pouco assustado! Vocês podem me dizer como é no primeiro ano?” (Esperar a resposta das crianças).

Ana: Oi, gente. Eu me chamo Ana e tenho 7 anos. Já sou uma criança crescida e hoje começo a estudar no primeiro ano. Acho que vou gostar muito, mas estou um pouco preocupada. Vocês podem me dizer como vocês ficaram/sentiram quando chegaram no primeiro ano?

Juca: Sabe o que é... é que venho de outra escola e na minha outra escola eu tinha muitos amiguinhos, mas nessa nova escola eu ainda não conheço ninguém. Quando vocês que não estudavam aqui na EMPUG chegaram e não conheciam seus coleguinhas, como foi?

Ana: Ah eu quero saber outra coisa! Como são as atividades que vocês fazem? Esperar as respostas. Aah e vocês brincam em qual momento?

Perguntas Norteadoras:

“Como foi para vocês chegarem na escola para estudar no primeiro ano?”

“O que vocês fazem na sala de aula?”

“Mas como são essas atividades?”

“Em qual momento vocês brincam?”

“Mas o que é ser um bom aluno no 1º ano?”

APÊNDICE D - CARTA DE AUTORIZAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PEDAGOGIA

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

O projeto de pesquisa com o título “A transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental em uma escola da rede pública municipal da cidade do Natal/RN”, tem como objetivo geral, investigar como ocorre o processo de transição das crianças da Educação Infantil que ingressam no Ensino Fundamental, especificamente, nessa escola. A turma de 1º ano do ensino fundamental tem como professora titular _____, portadora do RG *****. A pesquisa será desenvolvida pela aluna **Amanda Fhilladélfia Bezerra Silva de Menezes**, portadora do RG 00305****, graduanda em Pedagogia sob matrícula 2015057925, pela instituição de ensino Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Com a orientação da professora **Maria Cristina Leandro de Paiva**, Portadora do RG 734.***, docente efetiva da UFRN sob matrícula 2453560.

O projeto de pesquisa será desenvolvido nos dois primeiros meses do ano letivo de 2019. A metodologia compreende: observação direta da sala de aula; entrevista individual com a professora da turma; entrevista individual com algumas crianças e entrevista coletiva. As entrevistas com as crianças ocorrerão em dois dias consecutivos, no horário da aula, não sendo necessário o deslocamento da escola, as quais permitirão compreender como ocorre o processo de transição na perspectiva das crianças. Salientamos que as crianças participantes da pesquisa terão suas identidades preservadas e os dados obtidos poderão ser utilizados em trabalhos de publicação.

Tendo em vista essas informações, eu, _____, portador do RG _____, responsável legal da criança _____, autorizo

a participação no projeto de pesquisa “A transição das crianças da Educação Infantil para o Ensino Fundamental em uma escola da rede pública municipal da cidade do Natal/RN”, na concessão de uma entrevista individual e uma coletiva.

Professora 1º ano

Maria Cristina Leandro de Paiva

Amanda Fhilladélfia B S de Menezes

(Pais/Responsável)

NATAL/RN, ____/____/2019